

FERNANDO LOPES



CONFLITOS

e outros contos



3-3Lopes, F

BARCELOS

20.



CONFLITOS

e outros contos

divulgação

Pr. Filipa de Lencastre, 22-7.º-Sala 113-PORTO

DO AUTOR:

CONFLITOS e outros contos (1957)

em preparação:

A VONTADE DE DEUS — *novela*

FERNANDO LOPES

CONFLITOS

e outros contos



*Baralione
Perme.*

Edição do Autor
BARCELOS / 1957

6078

capa de Gonçalves Torres

para

GONÇALVES TORRES

HISTÓRIA DE FINO

— «O RATO SECO»

Dele toda a gente dizia: «ah, o Fino, nunca este mundo de Deus viu outro tão malcriado!» — e ele, Rufino, o dos olhitos miúdos e pretos como os das ratazanas que se divertia matando à fígada sempre que as agarrava a cruzar o ribeiro que vem lá de longe e atravessa toda a aldeia, finas sobrancelhas arrebitadas, boca larga, de lábios finos, que mais parece um talho de navalha, um cabelo grosso e arrepiado quase assim a modos de pêlo de bicho assanhado, ele sabe bem que nunca foi mau nem malcriado! Um infeliz? Sim, isso sim. Malcriado e mau, excomungado e burro, não! Fino sabe bem que nunca foi tais coisas...

Mas, então, por que teimaram em chamar-lhe de todos esses nomes feios que sem querer decorava com tamanha facilidade? Porquê?

Oh, se soubessem quanto ele sofria! Se imaginassem ao de leve as vezes em que Fino, guardando segredo, se encaminhou para o cortelho onde o Sê Sebastião-da-venda guarda o chico e ao animal contou, lágrimas rebentando-lhe nos olhitos miúdos, a vontade danada que tinha de emendar-se, de ser sempre um menino bom! Oh, se imaginassem ao de leve!

E nunca lhe fizeram a vontade... Todas as lágrimas, todos os segredos gemidos às orelhas do ruço do Sê Sebastião se perderam. Nunca o deixaram ser um niquinho de menino bom, do menino bom que ele quis ser sempre... — e por tão pouco! Fino queria só uma migalhinha de compreensão. Deixassem de chamá-lo de «rapaz mais malcriado nunca este mundo de Deus viu outro» e veriam, veriam o milagre crescer diante de todos os olhos.

Fino, o «rato seco», foi muito infeliz. Fino, o «rato seco», por uma migalhinha que lhe negaram será talvez um infeliz para sempre.

Mas para aqueles que não acreditem, para os de orelha peluda, para aqueles que só viram

em Fino o menino mau e de má raça, vai-se contar toda a sua história. Talvez Fino fique envergonhado, que ele nunca gostou de gabar-se nem de que o gabem, mas o certo é que a verdade escondida deixa a mentira envaidecida . . .

Eis a verdade para os de orelha peluda: Fino fez-se mau porque não o compreenderam, porque lhe negaram o que ele sempre foi: um menino bom. Fez-se mau por vingança. Brilharam-lhe de ódio os olhitos miúdos de rato, mas nunca conseguiu ser tão mau quanto quis. Fino sempre se decepcionou por maior que fosse a tratantada que a sua viva inteligência lhe desse para inventar. Nesses momentos ficava abatido e quase se arrependia, o ânimo murchava e então chorava pelos cantos, escondendo a sua fraqueza. É que nesses curtos períodos de arrependimento chegava a ser um menino bom, mesmo um encanto de criança, e os arrependimentos custavam-lhe caro, tão caro que Fino arrependia-se de vivê-los.

— Fino, — dizia a mãe — chega à fonte e traz um cântaro d'água — e o Fino ia.

— Fino, — dizia a mãe — chega à venda do Sê Sebastião que deia um quilo das batatas de vinte e dois, que eu no sábado lhe pago a mais o pão de ontem — e o Fino ia.

Oh, que riqueza de Fino, como ele era todo, dos pés ao cabelo arrepiado, um menino bom! Bom até quando a mãe o mandava pedir batatas fiadas ao Sê Sebastião-da-venda, o que sempre foi das coisas que mais lhe custaram, não porque pedir fiado seja coisa de envergonhar um pobre, mas porque Fino nunca gostou do Sê Sebastião-da-venda. Sê Sebastião, sabe-o Fino, é um lamúrias que badala todas as suas boas acções. Certinho como ele ser Rufino e o chamarem de «rato seco», sempre que a mãe o mande à venda pedir fiado, Sê Sebastião olhá-lo-á longamente antes de lhe pesar as batatas, ou o feijão, ou a farinha; depois, se estiver só, atirá os mesmos olhos doridos para o tecto sem cal do estabelecimento e soltará a temível lamúria: «que desgraça, que pena ele dar-se tanto ao vinho! Um ordenadão daqueles, de poder meter um figuraço!»

HISTÓRIA DE FINO

Sê Sebastião-da-venda, um tipo de meia idade, um coração mole, melhor que mau, apesar dos teres quietos e de cioso senhor dum bom punhado de contos a render os jurinhos da lei, fica uns minutos a pensar na miséria do pai de Fino. Fia sempre, mas gaba-se ao tecto sem cal do estabelecimento se não tiver mais quem ouça. Por isso, cortar o coração de Fino em pedaços é fazê-lo ouvir o tasqueiro, pois nunca gostou que chamassem o pai de desgraçado e borrachão; é mesmo a coisa mais triste que pode ouvir dizer; tanto, que quando o forçavam a portar-se como um menino mau, de nada valia à pobre da mãe pregar sermão, banhar-se em lágrimas, dizer que o botava para fora de casa quando a noite viesse. «Nunca mais em Deus de vida vês uma sede d'água, meu «rato seco» excomungado!» De nada valia, nem mesmo à sua mãe obedecia quando o levavam a portar-se como um menino mau. Era a vingança que crescia dentro dele! O seu pequenino coração enegrecia de ódio a tudo, às ratazanas do ribeiro que vem lá de longe e atravessa a aldeia, ao ruço do Sê Sebastião, até à

mãe, até à meia dúzia de lâmpadas com que quebraram a escuridão dos caminhos, pois só não as rebentava à pedrada se estivesse alguém a cocá-lo. A ninguém obedecia... Pois se então a mãe que o criara, que lhe dera a mama em pequeninho, que vinha chorar para junto dele quando o pai entrava em casa a trocar o passo, e partia a louça, e dizia palavrões que o Fino decorava para insultar depois a vizinhança — se até a sua mãe lhe vinha com esses nomes odiados! Se até a sua mãe que ele tanto ama! Como queria ela que o Fino fosse pedir batatas fiadas ao Sê Sebastião-da-venda? Oh, se ao menos ela, só ela, imaginasse como o Fino foi sempre, embora às vezes o escondesse, um menino bom! Se ao menos ela, só ela, soubesse como ele se doía de pena quando lhe ouvia o choro e o chamava de «meu filho, meu rico filhinho, coitadinho!» Ah, se os de orelha peluda imaginassem, ao de leve que fosse, como o Fino se doía de pena quando a mãe o procurava e lhe aflagava a cabeça de mansinho, tão mansinho que até o cabelo parecia dar-se, parecia não mais

querer ficar arrepiado como pêlo de bicho assanhado!

Tais momentos, em que Fino ouvia o choro abafado da mãe, eram-lhe os mais dolorosos, penetrava-o um ódio que era como um mal estar que lhe tomasse o corpo todo num repente; os seus olhitos de rato brilhavam como nunca, os seus lábios finos encolhiam-se e empalideciam, o cabelo irritava-se mais; invadia-o uma indomável vontade de ser maior, de ser já homem, para poder fazer com que o pai fosse curtir a bebedeira ao relento da noite.

Os períodos de menino bom passavam depressa. Fino vivia-os intensamente, como se com medo que lhe fugissem, e por isso não passavam nunca de momentos. E Fino sofria, sofria como talvez nenhum dos seus vizinhos pequenos como ele. O «Gaguinho», o Afonso, o «Três-dentes» e todos os meninos do lugar divertiam-se como meninos que eram; Fino não, era como um homem que não pôde crescer, a sua cara de mau não era a cara dos outros meninos.

Por tudo isso, pelas recordações e pelo que sofre hoje, Fino é um infeliz, será para sempre um infeliz. As suas recordações são uma obsessão. Pois...—lembrem-se só!—se a sua mãe, que ele tanto ama, lhe vinha também com aquela treta do «meu «rato seco» excomungado que nunca mais em Deus de vida vê uma sede d'água!»...

Não, não e não! Ela não tinha o direito de o insultar também, e logo com aquilo do «excomungado», que era o que mais lhe doía, pois Fino sempre teve lá na sua que ser-se excomungado é coisa muito ruim, sempre teve bem na frente dos olhos a cólera do padre, ao dizer quase todos os domingos na missa: «os ateus não passam de animais excomungados condenados ao fogo eterno dos infernos». E isso do «excomungado» sempre pôs Fino a matutar: «pró inferno só vão aqueles que são maus de todo, aqueles que matam, que batem no pai e na mãe como fazia o Zé Negrão que chegou um dia a bater na mãe uma velhinha quase entrevada. Rugir prás profundas só vão aqueles que

são maus como o Zé Negrão e também aqueles que foram às «alminhas» roubar todos os tostões que lá havia. Se só esses, os excomungados, os ateus, ou lá o quê, vão rugir prás profundas, por que lhe vem a mãe também com tal cantiga?!» Não, não e não! Ele não merecia. Fino foi um menino bom que só às vezes se fez de mau, que não respeitou a mãe, que não foi buscar batatas fiadas ao Sê Sebastião nem a água à fonte, que apenas devolveu aos vizinhos, grandes ou pequenos, os palavrões que eles em parte lhe ensinaram, que se fez de mau porque não o acreditaram e ele sabe que sempre foi um rapaz de palavra, porque não o respeitaram, porque lhe bateram, porque o professor na escola lhe deu muitos bolos com aquela palmatória pesada que a leva um raio e lhe disse que ele era uma «pouca vergonha», um burro chapado, esperto só para malandro, porque lhe chamaram «rato seco» e não é nada «rato seco», porque lhe chamaram «excomungado» e não é nada «excomungado».

Fino foi muito infeliz, garante a quem quiser que foi muito infeliz. O resto são tretas. Deixas-

sem de bater-lhe injustamente, deixassem de vir-lhe com coisas, deixasse o professor de ter a palmatória só para ele, deixasse a mãe de vir-lhe com o «nunca mais em Deus de vida vês uma sede d'água» só porque ele não queria pedir batatas fiadas ao Sê Sebastião e ouvir chamar o pai de desgraçado e borrachão e veriam, veriam como o Fino não mais mataria as pobrezinhas das ratazanas, não furaria as boteifas do Sê Julião, não rebentaria com as lâmpadas dos caminhos.

.

Fino, o único herói desta história, esteve mais de dois meses muito doente, a febre alta, delírios constantes. Esteve tão magrinho e sem cor, que dizia-se que o demónio tinha dado nele. Veio o médico e disse que aquilo era uma coisa muito complicada. Ninguém percebeu bem ao certo que doença era. Fino esteve quase para morrer. Mas não morreu. Um anjo o visitou, é o que ele julga. Agora está rijo. Todos os meninos do lugar, o Afonso, o «Gaguinho», o «Três-dentes», todos visitaram o Fino que esteve quase a morrer, mas ele não se lembra.

HISTÓRIA DE FINO

A doença de Fino foi, para toda a gente do lugar, talvez coisa mais estranha que para o próprio médico, pois Fino surgiu outro, bem outro.

.

Ninguém compreende a mudança, mas Fino é outro. Que lhe importa agora que toda a aldeia diga, para que todo o mundo ouça: «ah, que ele a mim não m'engana... Ou é o mimo dos doces que lhe deram ou o velhaco do «rato seco» anda mas é pr'aí a magicar nalguma das da sua marca!» Fino não se importa. Porta-se direito, mais nada. Um mundão de vezes passou já pelo pomar do senhor Moraes e a boca lhe estalou por aqueles pêssegos que são mesmo de morrer de tão bons. Nunca mais furou as boteifas que o Sê Julião semeia todos os anos na margem do ribeiro. Há um mês inteirinho — que um mês?, digam dois, digam quase três! — que Fino não faz nada de mau. E querem saber... Tem ido todos os dias à escola. Domina-o agora uma enorme vontade de aprender, de agarrar o tempo perdido, de mostrar aos colegas que é tanto como eles, mais do que eles até, pois Fino

aprende quando quer, ao passo que os outros, mesmo aquele filho do senhor Moraes que o professor se não cansa de elogiar, nem sempre aprendem quando querem. Ele há-de provar, oh se há-de! Nem que dane, há-de provar ao Sê professor também... Fino há-de provar que não é o burro chapado que só aprende à força de galhetas, da palmatória pesada que a leva um raio, de puxões de orelhas, de todas as violências com que o humilharam.

— Rufino, — pergunta a Sê professor — sete vezes sete?

— Quarenta e nove.

— Nove vezes nove?

— Oitenta e um.

Ah, mas nem de longe o Sê professor imagina a satisfação que Fino sente por poder responder assim de pronto a tudo que lhe pergunta! A tudo, sim, porque fino não é só a tabuada que sabe como ninguém; ele sabe também, para atirar assim de pronto, os rios, as províncias, a história, os verbos, tudo na pontinha da unha. Ele o que deixa é o Sê professor varadinho de

todo, de todo, sim, porque Fino sabe tudo, não é só a tabuada, a tabuada é canja... E o Sê professor, que sempre o teve na conta de burro chapado, esperto só para assaltar pomares, furar as boteifas do Sê Julião, matar as pobrezinhas das ratazanas e soltar palavrões de meter medo a uma alma penada que veio lá do mar coalhado ou de onde a mandou o diabo, sente-se ferido, insultado. Tal, é uma afronta aos seus largos recursos de psicólogo. E insiste. Pode lá ser que esteja enganado, pode lá ser que o rapaz não seja o medíocre que o seu forte psicológico acusara!

— Rufino, diz depressa: quem tocou a América pela primeira vez?

Fino hesita, não responde de pronto. Pensa. E se a revista que o tio lhe emprestara e onde lera a história do rapaz a quem, como a ele, também batiam e desprezavam, estivesse enganada? Um sarilho do raio, um sarilho que poria toda a escola a rir! Mas não, a revista estava direita, direitinha; então uma revista tão bonita, com letras de cor, com nomes estrangeiros, ia lá men-

tir! Não. «Vou deixar banzada a malta toda, até o menino Moraes que traz para a escola uma pasta de cabedal com um lindo fecho de metal que dá um estalinho...» Vai, Fino vai deixar banzada a malta toda.

— Rufino, então, quem tocou a América pela primeira vez?

Fino não tem mais dúvidas e atira rápido, fiado nas letras de cor e nos nomes estrangeiros da revista:

— Vespúcio. Américo Vespúcio!

— Vespu...! Quem te ensinou isso, menino? Quem foi o hereje?!

— Aprendi num livro que traz nomes estrangeiros! — diz Fino radiante.

Há um redemoinho dentro do professor e em toda a escola. O professor repreende, num berro ressequido, alguns alunos que riem. A revista com letras de cor não mentia. O professor arranca do rosto ofendido, duro, os óculos de aros grossos, à intelectual, e limpa-os nervosamente... «Como o raio do fedelho o enganara!»

HISTÓRIA DE FINO

Sim, Fino prova! Com a mesma segurança com que dantes engendrava uma malandrice e a punha em prática, agora insiste em ser sempre o menino bom. Custa-lhe, às vezes desanima, sente que vai fraquejar, que não tem forças para resistir à tentação de pregar uma partida ao Sê Julião das boteifas, ao Sê Sebastião-da-venda, aos seus colegas «Gaguinho», «Três-dentes», Afonso, mas faz um esforço e resiste. Não sabe bem que razão, que milagre o faz assim forte, sabe apenas que dantes, quando furava as boteifas ao Sê Julião ou mijava na fonte só para ouvir os insultos do mulhierio, gozava porque se ria da ira e dos insultos dos outros, mas era um gozo sem compensação, quase como uma farinha de pau que não enche barriga fomenta; agora não, é bem diferente. Custa-lhe, é certo, a sua vontade fraqueja, mas o gozo é bem diferente, é bem melhor, é um sentimento novo para ele; é quase como uma estranha espécie de comiseração, de tolerância bem nascida lá do fundo de si. Mas onde, em que parte de si? «Ah, se a revista onde aprendeu essa coisa do Vespúcio lhe dissesse

também que novo sentimento é aquele que agora o alegra...» Não, é pena, mas a revista não lhe disse mais nada, nem lhe disse sequer que ele não é o que por vezes tem medo de ser: um covarde que não se vinga do mal que lhe fazem. Sim, porque Fino tem medo de ser um maricas como há tantos na escola, um daqueles que por tudo choram pela mãe; é mesmo um pavor que não o larga. Tudo menos maricas, tudo menos menino Moraes. Esse pavor sentiu-o Fino, há dias, como nunca o tinha sentido até aí, mas resistiu-lhe... Pois não querem saber que foi tudo por causa desse tratante do Américo, desse farrão, desse barriga inchada! O menino veio-lhe ao beija-mão, todo falas mansas, todo mimos que a mãe lhe deu em pequeninho... Fino sentiu o aguilhão da desforra a picá-lo por todo o corpo; depois incomodou-o o tal pavor... O tratante, o mariquento tinha a conta de dividir errada e queria ir para o recreio. Dali a pouco a sineta tocava e quem não tivesse feito o problema ficaria na sala, os óculos do Sê professor a fitar, a fitar. E o Américo passou-lhe a lousa por baixo

HISTÓRIA DE FINO

da carteira, pedindo como um ceguinho velhaco. Fino tinha razões de sobra para denunciá-lo aos óculos atentos do Sê professor, pois o Américo tinha-lhe saído uma bisca tesa, um mariquento que passava a vida a acusá-lo. Mas qual? Que estão para aí a pensar? Fino não teve coragem para denunciá-lo, tal não estava dentro dele. Quem denuncia é um patife, um mariquento, um menino que borra berço! E Fino fez-lhe a conta de novo, desde o primeiro ao último algarismo, com prova real e tudo, porque lá erradinha estava ela, graças a Deus que está no céu e em toda a parte porque é imenso!

Não sabe bem o que é a coisa nova que sente a bulir dentro dele, que o impede de vingar-se, de desforrar-se, de ser o Fino antigo, mas sabe que a mudança é boa. Fino já não é tão infeliz como dantes era. Tem um objectivo e há-de atingi-lo! E Fino sente a mudança nos colegas, sente que eles começam a desistir também de qualquer coisa, sente que começam a deixar de ver nele o cabecilha talhado para todas as tratantadas que dantes se faziam dentro e

fora da escola, sente que já não o podem acusar de coisas que não faz, mas pelas quais dantes pagava, como daquela vez em que despejaram um tinteiro dentro da pasta de cabedal do menino Moraes e lhe estragaram o lanche. Fino recorda, vê nitidamente o menino Moraes chorando o lanche perdido, o pão com manteiga, a bonita pasta de fecho metálico que dava estalinhos toda manchada de azul, recorda a pergunta e a lata irada do Sê professor.

— Quem foi o hereje?

Mas ninguém responde, todos se calam. Mas ninguém se lembra dos óculos do Sê professor, da visão extraordinária do Sê professor. E num gesto velho aí o vemos tirar para logo voltar a empoleirar os óculos sobre o nariz abatado... É infalível, o criminoso está-lhe nas unhas. De que valem os juramentos de Fino? Nada, ninguém fale nos juramentos dum fedelho. Visão extraordinária, forte poder psicológico, recursos pedagógicos, rectidão, inflexibilidade no castigo! «Por a alminha do Sê professor! Eu juro por a alminha da minha mãe também, juro por

tudo que não fui eu!» Fino põe-se rubro de cólera e o cabelo agreste parece ficar ainda mais arrepiado, mas o Sê professor não é dos que se deixam enganar: E Fino volta para o seu lugar com as mãos empoladas, a mastigar vinganças. O professor senta-se de novo à secretária, óculos atentos, radiante por possuir um temperamento recto, e enquanto faz acomodar de novo os óculos sobre o nariz abatado, pensa: «Que génio teatral não daria esta criança!»

Mas tudo passou, Fino agora é outro. Um anjo o visitou quando esteve doente, é o que ele julga; e passa a vida a jurar a si mesmo que nunca mais fará nada de mau. O rapaz da revista que o tio lhe emprestara, como ele, apanhava pancada, era injuriado e emendou. Era um rapaz forte, um rapazão. Fino jura que há-de ser como ele, um rapazão, um valente não para furar boteifas e estilhaçar as lâmpadas dos caminhos, para partir as «pedrinhas» dos ninhos de melro, para matar ratazanas, para arrancar os rabos às pobrezinhas das lagartixas, para mijar na fonte onde o mulherio vai buscar a água. Que

importa a Fino que o Sê Sebastião-da-venda diga que «quem ruim nasce ruim entra no caixão»? Mas que importa a Fino que o Sê Sebastião se faça mano do diabo para inventar essas coisas? Mas que importa a Fino que toda a aldeia lhe pinte a manta? O que lhe importa é provar que o Sê Sebastião e a aldeia e o raio que os infunda não têm razão, que é mais uma injustiça que lhe estão fazendo! Que se danem, que se infundam pelo chão abaixo. A Fino ninguém mais verá o seu sorriso gaiato, a sua boca de lábios finos, que mais parece um talho de navalha, nunca mais se abrirá para insultar nem para rir como dantes. Que o acusem, que o injuriem, façam-lhe tudo, o que quiserem. Ele não esperneará, não jurará mais pela alminha da mãe, não mais chorará. A sua cara, agora, é bem a cara dum homem que ainda não cresceu, é uma cara de paz.

Rufino, Fino, «rato seco», sabe que um dia, quando a mãe deixar de vir chorar para junto dele e de lhe chamar «meu filhinho», fugirá. Irá para onde não o chamem de «rato

seco» excomungado, burro chapado, onde não o culpem de crimes que não comete. Será um homem, um homem forte, como deve sê-lo o rapaz da revista a quem batiam e faziam injustiças. Será um homem forte, Fino tem a certeza.

O PALITEIRO

O menino ainda não anda, mas, de gatinhas, arrastando-se, já vai de uma à outra ponta da casa. Não há recanto que lhe escape, não há porta que não tente forçar. Ainda não tem um ano, mas que traquina não é o menino! E que olhitos espertos! E que mãozinhas buliçosas! Vê com os olhos, mas só entende com as mãozinhas pequeninas, redondinhas... Palmadas no rabo? Não, não adiantam; nem sequer chora... Ralhos da mãe? Ora... adiantam menos: abre a boquinha num sorriso e a mãe fica desarmada... Que diabinho de menino! É a mãe virar costas, só virar costas, e pronto: o menino, onde está o menino? Está longe, metido já em qualquer canto da casa, sozinho consigo, fazendo lá o que ele sabe.

Mas que encanto de criança! Não acreditam? Pois perguntem à mãe; ela que o diga.

Ponham-lhe ponta de toalha a que possa agarrar-se, e verão o engenho do menino... — que isto de toalhas chega a parecer até uma mania. Não? Querem ver o que o menino faz? Aí vai: começa por acercar-se de uma perna da mesa, apoiar-se nela e ficar em pé, mas como é ainda muito pequeninho para, mesmo com o bracito estendido, lhe chegar ao cimo, fica-lhe o recurso, o recurso que é a tal mania: puxar a ponta da toalha! E fá-lo com uma tenacidade onde não entram desânimos; puxa, volta a puxar, o esforço põe-no coradinho que nem tomate, mas não desiste; até que se desequilibra e bate com o gordo rabinho no chão, e faz beicinho, parece que vai chorar, mas qual quê?... Não chora, não. Ainda sentado, fita de novo a toalha que resistiu: agora é mais fácil chegar-lhe, sempre cedeu um pouco e está mais próxima do chão. E o menino ri, ri com os olhitos espertos, travessos, a boquinha aberta onde afloram os dentes a nascer... E agarra a toalha com mais gana, firma-se melhor nas pernitas trémulas, os dentes mal nascidos mordem o lábio inferior: um esticção, outro

O PALITEIRO

esticão e a toalha vai cedendo; o esforço põe-no outra vez como um tomatinho, e o menino faz uma pausa que aproveita para mirar o cimo da mesa, onde já avista um prato prestes a tombar: que alegria! Mais um esforço e zás: pratos, galheteiro, talheres e o paliteiro, o paliteiro adorado, tudo escacado no chão! Então o menino assusta-se com este desabar inesperado e desata num berreiro. Sangra abundantemente pelo nariz, o galheteiro esmoucou-lhe a testa. Restos de azeite alastram no soalho. Corre a mãe, aflita, e dá com o espectáculo; o seu primeiro impulso é dar cabo do rabo ao menino, teimoso nestas coisas, mas vê-o a sangrar e alarma-se. Grita e correm todos os outros filhos que a ouvem; e a gritaria sobe de tom: «Ai o meu menino! Ai o meu rico menino! Água, trazei-me água!» E é um reboliço pela casa.

A mãe tem oito filhos, sem contar três que morreram, e o mais novo, que ainda nem um ano tem, que ainda não anda, dá-lhe para puxar por todas as toalhas que agarre postas na mesa. Pobre mulher! Digam lá se não é para deses-

perar... Digam lá se o menino não é um diabinho!

Tem oito filhos, quase todos pequeninhos, quase todos meninos! Eis o que a vida lhe deu. E é lidar, lidar, de manhã à noite sempre a lidar, que tamanha prole não é nenhuma brincadeira. E todos pedem pão, todos querem a mãe... E a mãe chega para todos, sempre para todos. E olhem que oito filhos não é brincadeira! A mãe que o diga, ou vejam-no vocês: trinta e cinco anos, nem isso: os cabelos brancos que já não esconde, os olhos cansados, tristonhos, cheios de mundo, o ventre em balão, os seios caídos, flácidos, vazios de sucessivos leites...

O que a vida lhe deu? Oh!... Deu-lhe oito filhos, quase todos pequeninhos, quase todos meninos...

Depois umas horas: O menino dorme. A filha mais velha, de quinze anos, namora à esquina, olhos nos olhos do rapaz, desatenta às horas, às mãos atrevidas do namoro... Parte da prole espalhou-se pela escola. Um dos rapazes,

em qualquer barbearia, está talvez às voltas com a navalha e a queixada dum sujeito. A mãe, em casa, já esfregou o chão e arrumou os cacos. Teve sorte, o galheteiro não partiu. Tem nas mãos o paliteiro quebrado e olha-o com tristeza, olhos parados, quase imbecis. Esquece-se da filha que namora à esquina: o paliteiro, um insignificante boneco de barro, toma-a toda. Lembra-se do filho, do autor daquele desastre, e encaminha-se, quase indiferentemente, para o berço onde o menino dorme. O menino dorme um sono ora agitado ora sereno — nem parece o menino travesso que embirra com toalhas postas na mesa. E a mãe, com infinita cautela, inclina-se sobre o berço e dá um beijo no menino; depois fica-se a olhá-lo e todas as suas preocupações se perdem, remotas; esquece tudo, tudo, esquece até que o namoro da filha não passa ainda dum rapazola de mãos atrevidas, esquece o marido que não tardará, esquece os filhos que tem na Creche às voltas com as freirinhas e o catecismo, esquece o filho barbeiro, esquece o paliteiro partido, esquece a mordedela que tem no seio, obra

também do menino que dorme, esquece... Só há o menino com o seu sono ora agitado ora sereno; e curva-se outra vez sobre o menino, quer sentir-lhe bem o débil respirar irregular e quente, quer perder-se na inocência do rostozinho querido, quer perder-se na paz do seu menino que dorme. Beija-o outra vez e depois senta-se no chão, junto ao berço, o olhar cansado, parado, cheio de mundo, caindo sobre as mãos abertas onde repousam, inúteis, os fragmentos do paliteiro. Soluça. Nenhum filho a espia, a mãe pode soluçar, pode ter uma fraqueza.

Mas não chega a chorar. Depressa se levanta, meio atónita, os cacos na mão, sem atinar com o que fazer deles. «Logo havia de partir também o paliteiro, meu Deus!» E o medo não a deixa acertar com uma saída. Onde vai ela descobrir agora, agora mesmo, um paliteiro igual, meu Deus? Onde vai ela descobrir um insignificante cãozinho de barro com todos aqueles furinhos no dorso, com todas aquelas pintinhas amarelas? «Um cão com pintinhas amarelas! Raio de cão, estafermo de boneco!»

Antevê a cena e tem medo, treme; e é uma espécie de medo que a arrefece, que a deixa como que vazia por dentro, como que estúpida. Mas lembra-se da filha: a rapariga é engenhosa, pode ter uma ideia... «Ah, se se livrasse, se escapasse daquela! Oh!» E a mãe desce à rua e vai chamar a rapariga. A filha vem, de má cara: não teve tempo de combinar encontro para amanhã...

— Ana... E agora? — diz a mãe, indicando os fragmentos do paliteiro.

— E agora, deixe-o vir... Conta-se-lhe o que foi. Que o menino puxou pela toalha... que o paliteiro caiu... Ora, ele não vai agora bater no menino!

— Dizes bem... E em ti? E em mim?

— Pois é! Ou então... Mas... mas pode ser que não repare!

— Então quê, anda?...

— É que... que estou cá a lembrar-me... Sabe... eu é que comprei o paliteiro! Foi... Comprei dois, um de pintinhas amarelas, outro

de pintinhas... Ora... ora deixe ver... Foi na feira... na feira... na... na... Isso!

A ansiedade inunda o rosto da mãe. Os olhos riem-lhe e não desfitam a filha, mas a rapariga já se prepara para sair.

— Vais pró namoro, estafermo!

— Vou nada! Vai ver...

Realmente a rapariga corre de casa ainda na esperança de encontrar o rapaz, ainda presa das habilidades dele. Mas o rapaz já não está à esquina e Ana volta, sempre a correr, para passar mais uma vez o pente pelos cabelos, remirar-se ao espelho, sair por onde entrou.

— Vai ver...

E a mãe guarda os cacos no bolso do avental. São horas de acender o fogão e pôr água ao lume. A mãe matuta e não encontra uma saída. A filha é uma doidinha, não sai nada dali; anda mas é maluca com o raio do namoro. E se o colasse? Se... Ora, paciência! Será mais uma cena; e tudo por causa dum estafermo dum boneco de barro! Paciência! Está habituada. Que faça as cenas que quiser,

que o bruto lhe bata! Está habituada, por ela não se lhe dá. Só é pena o menino, se bate no menino! Ah! o menino!

A mãe sente que lhe puxam a saia:

—Mãe, o cãozinho? O cãozinho c'os furinho?

—Ah... Deixai-me. Logo mostro.

—Mãe, quero pão.

—Vai já... logo já ceais. Só daqui a bocadinho.

—O cãozinho, mãe? Onde tá o cãozinho c'os furinho?

Entretanto Ana volta, e a mãe esconde-se dos filhos pequenos.

—Fui a casa da tia... A mãe não se lembra? — começa Ana.

—Mas... mas não é igual! — diz a mãe, mirando o novo paliteiro.

—É só nas pintinhas. Estas são verdes. Mas é quase igual, vê? Ele não repara, vai ver. E depois... é só por agora. Quinta-feira, na feira, a gente topa um igual, com as pintinhas amarelas tal e qual!

E a mãe, quase convencida:

— Pois é! Compramos até dois, não vá o menino...

— Isso! Vai ver...

Correm as duas para a mesa. E com que alegria, com que alvoroço a mãe coloca o boneco no lugar do costume! Parece uma rapariga, parece a filha à hora de estar com o namoro.

— É aqui?

— Isso, aí. Ponha-lhe os palitos, mãe. Sempre encobre...

— Deus te ouça, filha! Ah!... Que os teus irmãos não falem à mesa! Promete-lhes qualquer coisa, engana-os!

E é então a vez da filha, habilidosa, aproveitar da alegria da mãe. É a ocasião, não pode negar. E subtil:

— Mãe...

— Que é? Já está cheio, vês? E são todos dos fininhos... Sabes que ele escolhe sempre os palitos mais fininhos...

— Não é isso, mãe...

— Então?!

O PALITEIRO

— É que... sabe... é que... que a mãe... amanhã, sabe... bem podia deixar-me sair... Só meia hora, mãe...

— Ah... Namoro! Amanhã, amanhã veremos...

E vem a noite. É a hora da ceia. Come-se em silêncio, um silêncio de terror. Mãe e filha não ousam levantar os olhos do prato. Os meninos imitam-nas. Não há coragem que quebre o silêncio que o pai impõe quando se come. Pai em casa, é silêncio fechado, coração encolhido, é o medo até nas expressões inocentes dos meninos. Nem uma risada, nem um esboço de conversa. Nada. Só o ruído irritante do mastigar, o ritmo dos talheres tocando o fundo dos pratos. Até que *ele*, como chamam ao pai, num tom seco, imperativo, nú de qualquer simpatia, nesse tom que até os meninos conhecem e se habituaram a temer, diz: «a sopa» — e a mãe se levanta, ainda a mastigar, e vai encher-lhe o prato. Depois, só depois, rodando à volta da mesa a mãe enche de sopa os pratos dos sete filhos pre-

sentes. E o pai ajusta melhor no peito o grande guardanapo branco preso ao pescoço, fita os filhos, um a um, quase numa inspecção. Fica satisfeito: tem uns filhos resignados, educados; nenhum é capaz de levar à boca, antes dele, uma colherada que seja. Respeito, não há como o respeito...

— O menino? — começa o pai.

— Dorme — diz a mãe.

— Que tem ele?

— Sabes que dorme sempre depois de mamar...

E vem o fim da ceia. Cruzam-se os olhares furtivos da filha e da mãe. Fitam o paliteiro e esperam, ansiosas, o momento do pai palitar os dentes, de escolher, como sempre, o palito mais fininho. «Ah! se ele pegasse logo num palito dos fininhos... Se ele não reparasse nas pintinhas verdes... Meu Deus, faz com que não olhe pró paliteiro! Meu Deus, faz com que não haja cena hoje!» E a mãe tenta distraí-lo, tenta a conversa:

— Sabes que vieram receber do *Seguro*?

O PALITEIRO

— Ah... sim. Pagaste?

— Não. Voltam cá amanhã. É melhor deixares dinheiro.

Pausa. O pai não adianta. Os filhos mais pequenos olham-se também, sem levantarem a cabeça: sabem que o menino escacou a louça e *ele* não deve sabê-lo. Mas comprometem-se: a curiosidade atrai-os para o paliteiro novo. Olham sem naturalidade para o boneco... e o pai começa a achar aquilo estranho. Fita bem de frente o filho barbeiro e o rapaz cora, atrapa-lha-se e a colher escapa-se-lhe da mão. Depois é a vez da rapariga que já namora; também ela está com cara de coisa: come devagar, a querer eternizar a sopa no prato. Só a mãe aparenta calma, uma calma feita de longas e sucessivas resignações. E é ainda a mãe quem tenta afastar a cena que se adivinha:

— Sabes que apareceu um gato morto no quintal? — diz a mãe, infeliz.

O pai já sabia.

— Sabes quem vai casar?

— Ah... quem?

— Não sabias? É aqui a filha da Maria Gorda. A que queria pôr um processo ao rapaz...

— É antes da criança nascer? — pergunta o pai, sem interesse.

— Isso. É já para a semana. Dizem que...

— Não interessa! — corta o pai, já a desconfiar do empenho que a mulher põe no diálogo, para intimar bruscamente:

— E cá em casa, que aconteceu? Morreu gente?

— Não atino. Não os vês?! — diz a mãe, indicando com um gesto a filharada.

Outra pausa. O pai parece desarmado, mas volta, implicativo, ruminando a ironia da mulher:

— Perguntei se morreu gente!

Mas a mãe não responde; limita-se a enfrentá-lo com bem simulada surpresa, traduzida por um ambíguo gesto de mãos, a poder querer dizer também: «Olha, vai-te matar!» E ele enfurece-se. Há coisa no ar, já lhe cheirou, mas sabe que da mulher nada arrancará. É um raio que lhe

esconde tudo, uma manhosa... Mas a filha é mais frágil, ainda não aprendeu tudo da mãe, e por isso atira-lhe, de supetão, num berro:

— Que estão a esconder, diabos?!

— Mas... mas nada, pai! — diz a filha.

— Que estão a esconder, diabos?!

— Mas nada, homem! — diz a mãe.

—?!

— Mas nada, pai! — volta a filha.

E o pai, colérico, percebendo o entendimento das duas, rosna:

— Eu escacho-vos, diabos!

Os filhos mais novinhos encolhem-se num susto. E a filha que já namora, num desastre, corajosa, num segundo em que o medo lhe rouba o tino, levanta a voz para o pai e diz:

— Mas nada! Nada! O pai é que vem mal disposto lá de fora! Só isso!

O pai fica tonto com o ineditismo da filha, fica cego com o calor que a filha põe na resposta, e por momentos limita-se apenas a olhá-la, olhos frios, parados. Ana já se arrepende e prepara-se para acalmá-lo; fala-lhe docemente, como quem

pede perdão. Mas o pai continua a fitá-la com o mesmo olhar frio, parado, sujo de ira. E é a cena que a mãe tanto quis afastar. A filharada foge da mesa, apenas a mãe e Ana ficam. E só quando o pai se aproxima para dar-lhe a primeira bofetada a rapariga foge rapidamente para a rua. E a mãe chora, chora perdidamente, silenciosamente, sem ânimo sequer para levantar-se da mesa que os filhos abandonaram.

A CAMINHADA

Um relâmpago risca a noite fria e escura. A ventania fustiga as poucas árvores que se erguem despidas e abandonadas pelo caminho que leva à aldeia. Nem uma luz — noite fechada como um penedo.

Descalço, saca às costas, varapau numa das mãos, velho chapéu em bico enterrado até ao pescoço, o velho João Enguia, esguio e de impressionante magreza, caminha tão depressa quanto as pernas e o ânimo cansado lho permitem.

Pobre João Enguia! quantas, quantas noites medonhas como esta ele não tem sobre o corpo velho e magro, tão magro que nem salgueiro mirrado! Oh, quantas, quantas! Que o diga Deus ou o Diabo ou lá quem lhe manda a chuva para o encharcar, o vento para o fustigar, a fome para o minar. Todos os dias, todos sem falhar um só! — que isto nem se sabe se chega a

ser um hábito ou uma necessidade... — vai o velho à cidade estender à gente caridosa as suas mãos ainda mais mirradas que a carcaça. «Uma esmolinha pelo amor de Deus.» E a esmolinha vem, vem a esmolinha que o velho pede pelo amor de Deus, mas quantas, quantas vezes o velho pede pelo amor de Deus e a esmolinha não vem?

Pára. Não há ninguém que melhor conheça aquele caminho que leva à aldeia, aquele caminho que é o velho irmão do velho Enguia, que é velho e torto como ele; por isso, o velho João não pára para orientar-se, apesar da noite escura, fechada como um penedo; pára para recobrar energias. Olha em derredor: que diabo de noite! Tudo negro, negro e medonho como o seu destino negro!

É sinal de chuva o forte trovão e a ventania que amansa ligeiramente. O velho João Enguia sabe bem que é sinal de chuva, de chuva que o encharcará até aos ossos. E mete pés ao caminho novamente: é preciso andar, andar sempre e sem parar, não vá aquele dilúvio apanhá-lo

A CAMINHADA

antes de chegar à aldeia. E o velho João anda, as pernas não querem mas ele anda, anda mas o passo é lento porque as pernas não querem, o estômago fomento não quer. Uma côdea! Será que na saca há uma côdea para mastigar? Uma mão, magra como um garfo, teima, desespera-se em procurar na saca uma côdea que lá não há. Pobre João Enguia que já nem se lembra de ter roído a côdea que sua mão se engana a procurar!

A chuva vem e vem mais depressa do que o velho Enguia contou — e vem com fúria, como se toda a bâtega caprichasse em cair sobre ele. Pingos grossos que nem bolotas embatem com violência no piso seco do caminho e no chapéu de abas largas voltadas para baixo. E o velho João sente-se desamparado; lá vai chegar à toca outra vez encharcado. Raio de sorte a dum velho pedincha!

Outro relâmpago e uma luz cinzenta e efémera ilumina o caminho. A aldeia ainda não se vê; fica longe, quase hora e meia!

Num instante o piso torna-se lamacento e ouve-se o chape-chape dos pés deixando marcas

fundas na lama. Chuva, vento, lama... a aldeia longe, a sua toca longe, as energias longe. Presente, dolorosamente presente, o estômago fomento. E nem uma côdea para mastigar! E nem uma ponta de cigarro para enganar o fole! Lágrimas rebentam-lhe nos miudinhos olhos de toupeira e se perdem nos fios de chuva que lhe correm pela cara. O velho chora, chora com setenta anos e mais de setenta rugas na cara que é uma ruga. Já nem se lembra de ter chorado, mas agora chora, agora não pode evitar que aquilo o faça chorar. É que lembra-se do que foi, do que foi quando ainda não era conhecido pelo «Enguia». Aquilo vem-lhe, vem-lhe em torrente como a chuva que o alaga, vem-lhe espontâneo e salgado como as lágrimas que lhe rebentam nos olhos miudinhos de toupeira, aviva-se como a guinada no estômago fomento. Oh, os tempos distantes em que ia à feira com a sua mulher, a sua Rosa que outrora conquistara com palavras doces e valentia, batendo todos os rivais que lhe andaram arrastando a asa! E que mulherança que era a sua Rosa que Deus guarde!

Endinheirada, não falando noutros dotes, bonita como outra não havia no lugar! Oh, que mulherança era a sua Rosa! E o dia da boda... A festança que não foi! Se até o «Catano», que em tempos andara com rodeios e falinhas sopradas para a moça, aguentando por isso com forte bordoada de marmeleiro nos rijos costados que Deus lhe deu, se até esse lá estava, se até esse se emborrachou naquele dia! Aquilo é que era vida, um marmeleiro não quebrava uma amizade! Belos tempos da sua charrete e do cavalo malhado. Os cumprimentos. «Muito boa tarde, ti João! Então como lá se vai com essa saudinha? Bem, está visto, que Deus não esquece os bons. Como bem tem passado a ti Rosa?» Os amigos e a adega com os cascos ali alinhadinhos que nem fila de tropa. As carraspanas que não se apanharam lá... O Zé da venda e o exclusivo do seu borraçal. «Quanto vale esta meia? Ó compadre...»—«Para ti, ó Zé, negócio cá de amigos como sempre. E olha que não vou em baptismos... é do purinho e está na mãe. Meia nota.» E era negócio fechado sem

sinal; havia seriedade! Agora, as voltas que a roda do mundo tinha dado... Pedinchão vagabundo, só pele e osso. «Uma esmolinha pelo amor de Deus.» O passado... oh, quem dera o passado! O senhor Regedor que todos respeitavam! Bons tempos! As voltas que a roda do mundo tinha dado...

Sente-se cansado, cansado como nunca se sentiu. A muito custo o velho João Enguia caminha. A chuvada não abrande e as pernas pesam-lhe como dois tropeços. Mas a aldeia agora fica mais perto; meia hora ou talvez menos, e pronto. E chama a si novas energias; enterra ainda mais o velho chapéu em bico e a mão magra como um garfo agarra, quase com fúria, o varapau. É preciso caminhar para a frente, que o fim fica na frente. É preciso caminhar até não poder mais. E o velho João caminha, as pernas dobram-se-lhe como dois tropeços, mas ele caminha. Os seus pés enterram-se-lhe na lama até aos tornozelos, deixam para trás marcas fundas na lama que a chuvada apagará — e ele caminha, caminha sempre. O estômago dói-lhe de fome

A CAMINHADA

e na saca não há côdea, nem há ponta de cigarro com que enganar o estômago que lhe dói, mas ele caminha, caminha sempre, que a sua vida é caminhar numa roda viva e estender as mãos magras como garfos e pedir uma esmolinha pelo amor de Deus.

Um trovão forte, de fazer estremecer a terra, assusta-o e os lábios tremem-lhe numa reza: «Santa Bárbara! Santa Bárbara!»

Vem-lhe à memória o sujeito inchado a quem pediu esmola na cidade. Tipo mau. No seu tempo os sujeitos inchados não eram assim. São maus os ricos de agora, maus como raio. Não dão esmola e insultam um desgraçadinho ainda por cima. Até os polícias não deixam que se peça esmola a tais sujeitos; põem logo um desgraçadinho a despachar, os filhos duma cadela dos palas. As fardas e os botões de metal põem-lhes o toutiço quente. — «De onde é o figurão? Que andas a rondar por aqui? Raio de peste. Irra! São como o pulguedo estes pedinchões vagabundos. Se calhar é dos tais que esconde a massa no colchão... Toca, ála para a

tua terra! Pobreza aqui na cidade não há mais. Acabou.» E nada de tentar falar ao coração dum pala desgraçado. — «Mas ó senhor guarda... vocemecê não vê que eu sou um pobre velho que já não pode ganhar o seu por suas mãos?!» Nada. — «Toca! Põe-te a andar, anda!» E nada de deixar pedir uma esmolinha, nem mesmo pedindo pelo amor de Deus ou pelas alminhas de quem lá tem. Só ameaças e olhares vinhos dos polícias. «Se calhar é dos tais que esconde a massa no colchão... Pró inferno os filhos duma cadela!»

Mais uns minutos e é o fim. A chuvada abrandar. O trovão ouve-se lá longe, mas o vento é que não se vai e, apanhando de frente o velho Enguia, sacode-o como às árvores do caminho. E ele não pode, não pode, não pode! As pernas não dão mais, não se arrastam mais. A cabeça começa a pesar-lhe muito e a mão magra como um garfo vai deixando solto o varapau. Não pode, não pode mais caminhar nem fazer com que, lá dentro do peito, aquela dor muito aguda deixe de apertar-lhe o coração.

Não pode fazer com que os seus miudinhos olhos de toupeira se mantenham sem as lágrimas que, depois de lhe rolares pelo rosto, lhe vão parar aos lábios que escaldam de febre. Não pode mais e pára outra vez, arquejante. Tenta manter-se em pé, mas nem isso; caminhou de mais, esgotou-se perdidamente. Chegou ao fim. O garfo que é a sua mão desliza ao longo do varapau, fazendo ainda um esforço para não o largar; em vão; o varapau rodopia caprichosamente e estende-se na lama; a mão magra como um garfo, por momentos ainda o procura, num desespero, como se roubada do derradeiro amparo; e depois quase não se ouve o baque surdo do velho Enguia caindo de borco.

Não geme, nem o peito lhe dói, nem sente agora a dor aguda da fome no estômago; não sente nada além da lama gelada no rosto que escalda, na boca que escalda. Não tem vontade de levantar-se. Um súbito prazer toma-se dele. Sente-se bem assim caído no chão, o rosto deliciado com o frio da lama — e aquilo a chegar-lhe de novo, agora suavemente, sem um atropelo, tudo

natural como se estivesse outra vez naqueles tempos: a Rosa sorrindo para ele no inesquecível dia da boda, a pô-lo ciumento com uma olhadela maliciosa para o «Catano». O Zé e os negócios do seu borraçal. O exclusivo. A hipoteca e os juros elevados — uma ladroeira! O advogado e a questão. Um trambolhão, outro trambolhão, um trambolhão ainda maior, e ele a ver-se enleado naquilo, a sentir-se perdido. A doença da sua Rosa e a operação e os vinte contos da operação. E tudo a ir-se, ele a pedir conselhos aos doutores e os doutores com promessas, promessas, só promessas. Adeus charrete, cavalo malhado que era o seu orgulho, cumprimentos, o nome de Regedor... Tudo, tudo, nem um caco ficou! Sente-se bem assim, a procissão dos seus desastres a vir-lhe suavemente, tudo natural como se estivesse de novo naqueles tempos, o frio da lama no rosto que escalda, nos lábios que escaldam.

Mas é preciso, é preciso caminhar agora que está perto. Levanta-se mas a dor no peito

levanta-se com ele, a guinada no estômago volta a picá-lo. A cabeça pesa-lhe como um pedregulho e gira-lhe como uma roca de fiar. Levanta-se e caminha — é preciso e ele caminha, caminha quando já está perdidamente cansado e não pode mais caminhar!

E ei-lo que lá vai arrastando as pernas magras como ganas dum pinheiro seco. E ei-lo que lá vai imaginando que o fim está na aldeia, imaginando que ainda amanhã virá à cidade estender as mãos magras como garfos e pedir uma esmolinha pelo amor de Deus aos homens que nem pelo amor de Deus lhe dão a esmolinha. Mas o fim deixou de estar na aldeia. Pobre João Enguia! O fim está ali mesmo onde vai cair de novo ao lado do seu varapau e recordar pela derradeira vez os olhos quentes da sua Rosa, da operação de vinte contos, do advogado ladrão, da charrete e do cavalo malhado, dos cumprimentos. O fim está ali mesmo onde por momentos sentirá o frio da lama no rosto que arde em febre. Está ali mesmo porque vai morrer.

.

João Enguia, aquele da impressionante magreza, o das mãos tão magras como garfos, não voltará a pedir uma esmolinha pelo amor de Deus. A caminhada continuará ainda, mas para todos os outros irmãos do velho Enguia, para todos os miseráveis Enguias do mundo, que os há muitos. Para ele não, que a sua acabou, e dizem que foi o vinho que o matou.

O SINO

O outono entrou de vento forte e seco que varria a poeira dos caminhos deixando-os de cascalho vivo, um vento que num repente despia árvores e latadas, que deixava um arrepio de frio na terra e nos corpos da gente.

À noite. Um silêncio de vento envolvia S. Martinho. Calafetavam-se as fendas de portas e janelos prevendo-se já uma noite fria, uma noite de penetrar nos ossos e pôr o mais forte com pontadas no lombo...

E ouviu-se então dobrar a finados. O sino gemia num dobre dorido, sentido, como se também um arrepio percorresse o seu bronze. E os ciprestes — que a igreja de S. Martinho tem dois velhos e belos ciprestes — gemiam também, sacudidos pelo vento, como se tocados pelo toque do sino, dorido, sentido, como irmãos gemendo a mesma dor...

A mãe do Augusto deixou o trabalho de colocar um rectângulo de papelão a substituir o vidro partido duma janela. O seu rosto magro e duro enrugou-se numa amarga expressão de quem recorda. Prendia-a o toque do sino que o vento ora trazia vivo e dorido ora abafado e ténue como um som quase morto. E o Augusto olhou o rosto da mãe e vendo-o grave, fechado, atento de repente a qualquer coisa que não era o pedacinho de papelão, ficou quieto. Fez-se também atento ao que vinha lá de fora. Nada. Só o vento e o toque do sino. Em que estaria pensando a sua mãe para assim sem termos deixar de o atanzar por ter partido o vidro? A curiosidade crescia-lhe e não se teve mais. De soco em punho, a mãe ainda há momentos lhe tinha cascado de duro, mas a curiosidade bulia-lhe lá por dentro e o Augusto esqueceu o soco e não se teve mais:

— Ó mãe...

A mãe não o ouviu e ele falou mais alto:

— Mãe... ó mãe...

— Que é, estafermo?!

O SINO

— Mãe... é... é por anjinho que o sino toca?

— Não. Foi a Deolinda.

— Qual Deolinda?

— A filha mais nova da se Germano.

— Ah... já sei. Na escola até lhe pusemos o nome de «Lingrinhas». Até foi com a tuberculosa, foi?

— Isso. Morreu sequinha que nem palha. Que Deus lhe dê lugar lá no céu!

Os lábios da mãe tremeram-lhe numa reza e foi empurrar o papelão com o cabo do martelo, a querer ver se a coisa resistiria. «Vou tê-la boa, — pensava — vou tê-la boa quando o teu pai puser os olhos no papelão!» E depois, sem se virar para o filho, naquela voz áspera e brusca, na sua voz de sempre:

— Estafermo, vai aticar o lume! Não tarda aí o teu pai.

E o rapaz foi aticar o lume que não precisava de lenha. Sentou-se no chão, quase levou a cabeça até junto da panela e soprou até o lume avivar; depois ficou a fitá-lo, a vê-lo crescer. Passou o tempo e o Augusto quieto, alapadinho no chão, sem uma palavra, cismando, olhos pos-

tos no lume. Passou o tempo, a mãe falou-lhe mas ele não a ouviu. Cismava. O vento trazia o toque dorido do sino — e era um toque triste, mais frio que o vento frio que passava através das telhas e do pedacinho de papelão, mais triste que a noite que descia pesada sobre a aldeia e a envolvia num arrepio. E o Augusto cismava, cismava. «Mãe, foi com a tuberculosa, foi?» O lume morria, um último cavaco, verde, estalava, chiava, contorcia-se como um corpo que não resiste à dor. Morriam os pequeninos pontos vermelhos que o fogo deixava no bojo negro da panela. Só não morria o dobre dorido do sino que o vento trazia e punha o Augusto a cismar, a cismar. Sim, era isso, era o sino! O lume e as suas caprichosas línguas vermelhas que subiam até ao testo da panela não era o que deixava o Augusto a cismar; o drama do cavaco verde com os estálidos de cólera e chiar de dor não era o que o prendia ali alapadinho no chão a cismar. Era o sino, era aquele toque triste como a noite e mais frio que a noite, mais frio que o vento que entrava pelo telhado e pelo pedacinho

O SINO

de papelão. Sim, era isso o que Augusto ouvia e a mãe temia que o filho não ouvisse. Mas era um ouvir estranho, diferente: era como se o Augusto estivesse num sonho a ouvir o sino. Ele conhecia o sino como conhecia todas as coisas da sua terra: ninhinhos de melros e a cor dos seus ovos, pomares, as uvas de qualidade de todas as latadas e a cólera dos donos. Já subira à torre da igreja e tocara o sino com as suas mãos; já ajudara o sacristão, trôpego e velho, a fazê-lo badalar. Porquê então aquele toque diferente como se estivesse num sonho a ouvir o sino? Nunca o sino tocara assim. Era como se estivesse a chamá-lo, a pedir-lhe... Não entendia.

Mas o Augusto cismava, cismava, e tudo veio então de mansinho, sem dar por isso. Recordava...

«Dizem que foi um ataque. Até lhe deram água por mor daquilo... Recordas?»

«Recordo. Mas não foi nada um ataque nem qual quê! Um ataque não dá assim quando a gente vai a andar todo porreiro.»

«Dizem que saiu da escola por mor do mal lá da tuberculosa. Dizem que aquilo pegava às outras. Dizem que isso da tuberculosa põe a gente a tossir, a tossir, até que a tosse também dá nos outros.»

Augusto recorda, primeiro de mansinho, sem dar por isso, depois, num repente, tudo nítido na frente dos seus olhos. Recorda porque o toque do sino o chama, alguém o chama. Augusto inquieta-se; olha para a mãe mas a mãe nada lhe diz...

O toque do sino é triste e como o frio que deixa um arrepio na terra e nos corpos da gente. O lume está agora a precisar de mais lenha, já não estala o cavaco verde porque o fogo o comeu. Já não se vêem os pequeninos pontos vermelhos no bojo negro da panela onde se aquece a ceia do pai, da mãe, do filho. Mas o Augusto não tem atenções para o lume quase morto; os seus olhitos, inquietos, miram a panela negra, mas a panela negra não é o que ele vê. O que ele vê é aquilo que o chama, aquilo que está para além do toque triste do sino. O que ele vê é um rostozinho de nariz arrebitado, de olhos

muito negros e sempre arregalados e brilhantes, que nunca mais verá. O que ele vê são as longas tranças que lhe escorregavam pelas costas fininhas como um vime. O que ele vê é a Deolinda do rosto sempre pálido e orelhas transparentes, e que nunca mais verá. O que ele vê é a Deolinda que fazia de sua «mulher» quando brincavam aos «casados» e que sempre lhe dizia, quando ele batia nos meninos: «Gusto, não batas nos meninos. É uma coisa feia!»

Uma lágrima correu-lhe pela cara, desceu-lhe pelo pescoço, perdeu-se-lhe no peito. E o Augusto estremeceu; os seus olhitos assustados abriram-se mais; e abriu-se-lhe também a boca, dolorosamente, como se no estômago tivesse uma dor aguda. Já não se ouvia o toque do sino, mas o rapaz sentia que alguma coisa ainda o chamava, lhe falava. Chorava agora abundantemente. Olhou de novo para a mãe e a mãe nada lhe disse. E foi então que num pinote, aflito, sem dar tempo a nada, correu para fora. A mãe ainda lhe gritou: «Gusto, ó Gusto!»—mas já ele ia longe, a fralda da camisa

abanando ao vento e as pernas magritas, numa dobadoura, a ganharem distância.

E quando lá chegou só teve tempo para ouvir o latim do padre. Depois foi aquela cova escura a engulir o caixão branco que levava para sempre a sua Deolinda, que levava para sempre a sua «mulher» da brincadeira «aos casados» e lhe dizia que bater nos meninos era uma coisa feia. Quando lá chegou só viu aquilo, aquilo que o assustou tanto, tanto, que até nem deixou que os seus olhitos inquietos uma lágrima mais chorassem.

TONE TOLO

Por aquele morto não dobraram os sinos grandes. Pouca gente deu por aquele enterro. Era um enterro pobre, talvez o mais pobre que se possa imaginar: só um Capuchinho já velhote, de longa barba branca a repousar na barriga saliente, mastigando de longe a longe uma frase em latim, parecia dar alento ao rapazito e aos quatro homens rotos, pobretanas, que puxavam a carreta com visível esforço. E eis todo o séquito.

Seguia rapidamente, como se envergonhado da sua miséria. A quebrar o silêncio só o latim do Capuchinho.

Uma rabanada de vento frio arrepiou a careca daquele sujeito gordo que, a uns duzentos metros, parecia olhar compadecido a miséria do enterro.

— Quem morreu?

— Não sei.

O funeral parou lá mesmo ao cimo da rua. Um dos homens respirou fundo e deixou que de um dos olhos lhe brotasse a única lágrima que talvez tivesse para chorar naqueles tempos mais chegados.

— Como ele pesa! Ena!...

— Vamos! Isto não anda com lamúrias.

O Capuchinho, os quatro homens e o rapazito, reataram a marcha.

A noite vinha caindo, e os sinos grandes continuavam silenciosos, alheios, sem dobrar por aquele morto!

.

Tone Tolo era um homem de físico. Nele realçavam um pescoço de touro e a barba desmedidamente crescida, onde os piolhos, vermelhos e inchados, faziam centro de procriação. Mas o mais característico em Tone Tolo eram os seus grandes olhos negros, nostálgicos e bons. Vestia-se de farrapos, embora não faltasse quem

lhe oferecesse calças, casacos e sapatos usados. O largo peito peludo andava sempre nu. Havia quem dissesse que o Tone Tolo comia ratos vivos. Seria verdade?

Na cidade e mesmo nas aldeias, por mor das suas andanças em busca de uma côdea, quase todos o conheciam. E o seu físico, contrastando com a fome que passava — e a prová-lo temos os ratos vivos — era um quebra-cabeças para muita gente. Mas, apesar de quase todos o conhecerem, ou todos o conhecerem (o mais certo era ninguém o conhecer...) nunca ninguém apareceu que se ufanasse de ter desvendado o mistério onde se envolvia a história de Tone Tolo! Mistério! Quem era e de onde viera, constituia segredo que o Tone Tolo nunca havia revelado, e que agora também não revelaria — ou a terra fria do cemitério não lhe houvesse já comido os ossos...

Estranho caso este de ninguém, ninguém ter conhecido a história de Tone Tolo. E olhem que não se desconhecia porque o Tone Tolo a não tivesse. História todos nós temos! Até os

bichos a têm... e há sempre alguém que conheça a nossa história e a história dos bichos também. Mistério! Pobre Tone Tolo dos grandes olhos negros, nostálgicos e bons!

— Ó Tone, queres um cigarro?

Tone Tolo levanta os grandes e belos olhos negros que as sobrancelhas espessas não conseguem esconder. Não diz que sim, mas abana com a cabeça em sinal de assentimento. Depois, tímido, leva o cigarro aos lábios, com imenso cuidado, e puxa fumaças curtas e rápidas.

— Tone, conta coisas... Sempre é verdade? Que tal os ratitos?...

Mas o Tone não conta. Baixa os olhos com mais lentidão e tristeza do que quando os levantou. Mira o cigarro cheiroso que já vai em meio, apaga-o com a facilidade de quem faz aquilo há muitos anos, fá-lo desaparecer em seguida num bolso que só ele conhece. No dedo mínimo fica colada, por momentos, a brasa do cigarro, mas a brasa do cigarro não queima o dedo do Tone Tolo, porque o dedo tem calo, calo como o Tone Tolo.

TONE TOLO

Tone Tolo nunca fuma os cigarros até ao fim, e isso se deve talvez ao hábito de fumar as pontas apanhadas às portas dos cafés.

— Tone, dize lá. Tu comes os ratos?

Mas o Tone não cede, e, lentamente, muito lentamente, com tanta doçura no gesto como no olhar, vira as costas a quem o interroga e desaparece com o destino que aos outros não interessa.

Apesar de tudo toda a gente pergunta pelo Tone Tolo. Toda a gente procura saber a história de Tone Tolo. Ah... mas o Tone Tolo não conta! É um segredo, que querem? Todos têm o direito de possuir pelo menos um segredo — um segredo só, um só, é coisa de direito e de justiça. Por isso e porque o Tone Tolo não quer que lhe roubem o direito que ainda lhe resta, escusais de tentar, desperdiçais o vosso tempo, o vosso tempo que dizeis de ouro, mas que não vale um chavo, descendo à violência, à gracinha de o tentardes subornar com um cigarro por mais fino e cheiroso que ele seja. O Tone Tolo não é o tolo que julgais; compreende-vos, conhece-vos. Atentai-lhe nos grandes olhos negros, nostálgicos e bons...

E ninguém conhece a história de Tone Tolo! Ninguém! Ninguém!

— Ó Tone...

O Tone agora já não olha; olhar para quê? Está cheio de cigarros cheirosos, tão cheirosos como quem os oferece.

— Olha que este é dos bons, homem! É «Português Suave»...

Mas o Tone Tolo agora já não olha, agora já não ouve. Acha-se cansado daqueles que o interrogam, cansado de ser tomado por tolo, cansado até de apanhar pontas de cigarros às portas dos cafés. Há qualquer coisa nova dentro dele. Qualquer coisa que ultimamente o vem tornando leve, leve como um cabelo solto no ar.

O Tone Tolo cansou-se da fome, do frio, do sol amigo a que gostava de aquecer-se, espreguiçar-se logo que começava a romper a manhã. O Tone Tolo cansou-se, cansou-se dos fatos e sapatos usados, dos cafés que os homens caridosos lhe pagavam. Fecharam-se-lhe para sem-

TONE TOLO

pre os grandes e belos olhos negros que as sobranceiras espessas não conseguiam esconder. A cova, que conhece a todos, haja piolho na barba ou não, acabou com a vida vagabunda duma loucura que não passava de infinita paciência, de infinita bondade! Tone Tolo morreu. Morreu sem história, sem mesmo uma história igual à que os bichos têm...

Era um homem de proporções físicas avantajadas e pescoço de touro, mas naquela noite o Tone dormia sem mesmo ter por telhado as estrelas, e veio um manto de nevoeiro branco como um lençol lavado que o corpo de Tone Tolo nunca cobriu, um manto de nevoeiro fechado, gelado—e o manto de nevoeiro compadeceu-se do Tone Tolo; aproximou-se dele, afagou-o, beijou-lhe o cabelo e a barba, sem nojo dos piolhos, tal como dantes faziam os Santos aos leprosos e, cobrindo-o, fez com que o Tone não mais acabasse aquele sono.

E ninguém conhece a história de Tone Tolo. Nem mesmo os sinos grandes, pois não

dobraram por ele! Nem mesmo aquele sujeito gordo a quem a rabanada de vento arrepiou a careca...

— Quem morreu?

— Não sei.

Ninguém sabe. Tone Tolo não tinha história — nem mesmo uma história igual à que os bichos têm...

A terra, a única que conhece a todos na hora de todos, abriu o seu seio ao caixão barato, forrado toscamente com um pano branco.

A ladaíinha do Capuchinho já velhote escoou-se por entre aquele aglomerado de campas e cruzeiros, e o Tone lá ficou.

— *Requiescat in pace*

— *Amen.*

Dias depois, um homem generoso perguntava pelo Tone Tolo, para lhe oferecer uns sapatos já velhos:

— O Tone Tolo?

— Aquele que comia ratos vivos?

— Sim.

TONE TOLO

— Parece que morreu.

— Coitado! Eram velhos, as solas já estavam rotas, mas ...

— Sim, parece que já não come mais ratos.

— A propósito, que dizes a isso dos ratos?

— Ora, nada. Se calhar é mentira.

O CAFÉ

Pela tardinha, quando uma luz amarela, horizontal, inundava a cidade duma melancolia morna. O domingo chato morria sem um estertor. Nas faixas de paralelepípedos varridos da noite anterior rodavam carros desarvorados, alheios ao meu tédio, ao tédio da cidade. E na relva do jardim um cão pinoteava, fazia correrias malucas, espoliava-se e quando lhe dava na gana levantava uma pata e mijava nas flores.

E eu no Café, mole, bambo, a contar as horas, a tentar divertir-me com o descaramento do cão, a imaginar ironias nas mijadelas do cão... Aos ouvidos desatentos chegavam-me farrapos de conversas, o bater irritante das pedras do dominó, o ruído monótono duma máquina eléctrica de moer café.

— Dominó!

Então um carro amarelo, descapotado, um «espada» de alto lá com ele, veio de mansinho, leve como um gato, e parou à porta do estabelecimento. Que marca teria aquele carro? Não percebo de marcas nem de carros. Há tipos capazes de descobrir a marca dum carro só pelo ruído do motor. São infalíveis: é um Hudson, é um Ford, é um Fiat 1900 — e é. São tipos de caco. Eu não, não percebo de marcas.

— Eia, pá! Qu'espada! Pr'aí trezentos mil dele! — disse um destes meninos de luxo que se vêem às esquinas a farejar saias de nova e velha, babadinhos da poupinha no cabelo.

Um sujeitão pesado saía do carro amarelo e dizia para a mulher: «anda, toma qualquer coisa.» O Silva, mais magrinho e nervoso que habitualmente, tentava pôr em ordem o «pillon» amarrotado.

— Que molas, pá! O gajo até aninhou!

— Grande lasca, pá! Se calhar é filha...

— Filha o raio! Quietos, pá... deixa-me ver...

Esqueci o cão que mijava nas flores. Era uma mulher bonita, nova ainda, e não dis-

O CAFÉ

farçava um certo ar de enjoo e resignação; uma madeixa de cabelo negro, teimosa, caía-lhe sobre a testa ampla. «Vou-lhe ver uma perna, — pensava eu — se sair pela porta de cá vou-lhe ver uma perna.» A beleza humana da mulher ofuscou a beleza mecânica do carro amarelo. Percebi logo que não era filha.

— V. Exc.^a ...

O sujeito gordo, já dentro do Café, amparando-se a uma bengala com incrustações de prata, esperava a mulher, que batia a porta do carro amarelo. A sua lata bochechuda, de carnes molinhas como a barriguinha dum bebé, era a lata dum doente. O reumatismo estava na bengala com incrustações de prata.

— V. Exc.^a ...

— Para mim, águas. E tu?

— Chá. Chá e bolos — disse a mulher.

O Silva, ligeiro, a farejar gorjeta grossa, sumiu-se por momentos. O sujeito suspirou e fez uma careta. O menino da poupa passava e voltava a passar em frente do casal. Pesados, os olhos inflamados do sujeito gordo caíam na

frescura da mulher que alvoroçava o menino. Ao fundo do «Café Imperial», deste Café que sempre me fez lembrar um comprido caixote, a careca do proprietário, um grandalhão de longos braços de macaco e falas azedas, luzia batida por uma fita amarela de sol. Um rádio, a pingar sentimento, transmitia um fado.

—Passo—disse um dos parceiros do dominó.

O Silva voltava com as águas, o chá e os bolos. Descarado, atrevido, grosso, eu olhava a mulher. E o menino da poupa não desistia: passava e voltava a passar, alisava a poupa, ria, ia até à porta, voltava. O sujeito bebia, alheio ao menino.

—Passo.

Não sei porque imaginei nos lábios da mulher um poema vivo, vivo e vermelho. Sei que a imagem ainda vive, para mim os lábios dela continuam um poema, um poema vivo e vermelho. Disparate! Nunca tive quedas para poeta e as minhas leituras pouco vão além do «Século» e dum reles jornal local, que agarro de borla no Café. Porquê então o disparate do

poema vivo e vermelho? Mas não é só o poema vermelho que me surpreende; é toda uma longa fiada de raciocínios idiotas com que pretendi, no íntimo, inferiorizar o sujeito gordo, todos os detalhes, talvez todo o rancor que os inspirou e a facilidade com que neles logo finquei pé. Reumatismo... Idade... Carnes moles como a barriguinha dum bebé... Jesus, aonde chega um tratante só porque detesta um sujeito gordo! Despeito? Não! Vontade de possuir também um carro amarelo, vontade de poder sustentar também uma mulher como a do sujeito do carro amarelo!

O homem dos longos braços de macaco abeirou-se do rádio e adeus fadista que se deixou de choradeiras. Os guinchos histéricos dum clarinete tomaram-lhe o lugar. O homem sorria: faro comercial, gosto musical, só a careca não era para ele uma das suas muitas e preciosas qualidades. Mas o «Imperial» podia gabar-se da sua «clientela fina». Faro comercial, tacto, gosto!

O sujeito gordo acabava com as águas. Um calo doía-lhe. Azar. Diabo de mesas tão

incómodas. Esqueceu o calo e olhou vaidoso o carro amarelo parado à porta. «Faro industrial, dinamismo, subtil percepção das oportunidades! Dezoito litros! Carro bestial! E o Teles com aquela treta do Packard!» Esqueceu a gasolina, o Teles, o Packard, e deixou cair um olho na mulher que, deixando esfriar o chá, parecia longe, semicerrados os olhos negros e belos, um sorriso distraído brincando-lhe aos cantos dos lábios. «Ah, o sorriso da mulher! Sim senhor, tudo bem se não fosse o reumatismo, a chatice da bengala. Um especialista, o maior especialista havia de curá-lo! Iria a Londres, a Nova Iorque, até ao inferno iria. O sorriso seria dele, finalmente seria dele!»

—Dominó!

O clarinete, que diabo parecia o clarinete? Música? Bolas, merda para a música? Mas o sujeito gordo não ouvia o clarinete. O seu olho inflamado, de tipo que conhece coisas, entrava guloso pelo decote da blusa da mulher. «A sua mulher! O sorriso da sua mulher!» Um sorriso engrossou nos lábios do sujeito do carro amarelo.

«A sua mulher!» Recordava. O calo doía-lhe, o reumatismo atormentava-o, mas o sujeito recordava. O olho guloso crescia, arredondava, o decote da mulher aproximava-se.

Recordava, e o que recordava dizia-o bem o olho guloso que crescia, que arredondava quando o decote da mulher se aproximava.

Nela, ainda o mesmo sorriso brincando-lhe distraído aos cantos dos lábios vermelhos e vivos como um poema. Sonhava, longe. O chá esfriava. Com quem sonhava?

Iria a Londres, a Nova Iorque. Um especialista havia de curá-lo. A mulher sorriria para ele, seria dele.

— Silva, um «fino».

— Gelado?

— Gelado, pois.

Inveja ao carro amarelo, à mulher, um despeitado. Vontade de acreditar em porcarias que me dão prazer. O poema vermelho é uma cretinice. O homem não irá a Londres, a Nova Iorque.

O menino da poupa portou-se como um imbecil. Tanto alisou a poupa, tanto foi até à porta e voltou da porta, que o sujeito gordo deu pelo atrevido. E o menino encolheu-se, raspou-se num susto. «Petulante, fedelho duma figa!» O menino passou a fazer à distância o seu jogo palerma e o resultado viu-se: o sujeito cravou o olho em mim. Tive que disfarçar, encolher-me também.

— Dominó!

Grandes parvos. Uma tarde inteira no jogo! Nem reparavam no olho do sujeito, no sorriso da mulher, na patifaria do fedelho.

O ruído monótono da máquina de moer café punha-me os nervos num molho. Olhei o jardim. O cão tinha ido mijar outras flores. Chamei o Silva.

— Um «fino».

— Gelado?

O sujeito acalmou-se. Julgou-me um traste inofensivo. Estava ali colado por acaso, alheio ao seu reumático crónico, aos olhos negros da mulher.

Mas o chá e os bolos permaneciam esquecidos sobre a mesa de vidro. O sujeito já bebera as águas e a mulher nem dera pela chegada do Silva com a bandeja—não dera por nada. Estava longe, alheia ao sujeito gordo, ao dominó, às fitas do menino, ao meu «fino» gelado. Sonhava, longe. O sorriso ganhava agora um leve tom trocista, irritante. E então o sujeito voltou a achar incómodas as mesas de vidro, o calo agui-lhoou-o mais. O homem sabia de coisas. Um carro amarelo não era tudo. Teria que carregar até Londres, até Nova Iorque o seu reumático desgraçado. Mas perdia a paciência. O sorriso persistente da mulher picava-o mais que o calo, queimava-o por dentro. Olhou a porta e o carro amarelo. O menino raspava-se definitivamente. O olho desconfiado circulou noutro sentido e acabou por fixar-me, mas o traste inofensivo bebia pacificamente a sua cerveja.

—Passo—gemeu ainda um dos dominó.

Só então o homem pareceu ver o chá e os bolos em que a mulher nem havia tocado. E tudo foi rápido, precipitado. O sujeito agitou-se, an-

sioso, uma das suas manábulas tacteou, nervosa, as incrustações da bengala. O sorriso grosso encolheu-se e o carão avermelhado congestionou-se, o olho redondo arredondou mais. Ia esquecer-se de que era um olho civilizado, mas pareceu considerar—e desviou-se da mulher. Como se temesse mais uma dolorosa confirmação, o olho arredondado acovardou-se, percorreu todo o Café, ficou-se um instante nos tipos do dominó, acabou por esbarrar atónito num cartaz a cores em que uma actriz de cinema ostentava as suas linhas e fazia propaganda dos cigarros «Chesterfield».

Tinha-se ido a música de «jazz». O rádio transmitia agora um noticiário. Falava-se nas dificuldades dos ingleses em Chipre, no «mundo livre», no armamento do Ocidente. No único bilhar do «Imperial» um rapazote, na atitude de quem vai carambolar de «masset», olhava a procurar atenções para o feito. E ela, ainda longe do chá e dos bolos e do sujeito, sorrindo o mesmo sorriso persistente, distraído...

Eram horas de eu deixar finalmente o Café. Em que me podia interessar a vida do sujeito do

carro amarelo? Dali a momentos o casal largaria, iria à sua vida feliz ou infeliz, perder-se-ia num mundo confuso demais para a minha tapada compreensão, um mundo que tudo enrodilha, que confunde conceitos de felicidade e infelicidade. Deixar cada um com os seus cacos! Prosápia e nada mais. Pôr-me a magicar infelicidades num tipo que ostenta um carro daqueles, que pode ir a Londres, a Nova Iorque, que me aparece com uma mulher capaz de me ligar tanta importância como a que há instantes um cão vadio ligava às flores do jardim! Prosápia, nada mais que prosápia tola! Mas a vontade em mim é uma qualidade falida — e não arredei pé.

O sujeito gordo restabelecia-se da sensação de covardia que o tinha levado a esbarrar com o olho redondo no cartaz a cores. Pequenas bolhazinhas de suor rebentavam-lhe na testa e no pescoço inchado. Parecia esquecer o especialista, Londres, Nova Iorque. Esqueceu realmente, e foi irado, sem disfarces no carão, que procurou uma das mãos da mulher e a apertou até magoar.

— O chá, olha o chá, estúpida! Não vês que reparam! — disse violento, para murchar logo.

A mulher, surpreendida, deixou o sorriso que picava o sujeito como um agulhão. Percorreu-a um sincero e ligeiro estremecimento. O marido não lhe largava a mão, agora numa súplica descarada. E ela pareceu perceber o sentido daquilo que ele lhe implorava. Sorriu-lhe e ele babou-se. Depois, angustiada, bebeu o chá já frio e não tocou nos bolos.

Foram-se. O Silva veio dizer-me: «rico pedaço, não!» — e eu, que sou seu amigo, quase o odiei. Toquei para casa, a magicar no sujeito gordo, no carro amarelo, na mulher que o sujeito gordo apesar de tudo tem.

GRATIDÃO

«Pois é como lhe digo, e daqui não saio: escarradinho a ingratidão! Às vezes inda me ponho a malucar cá numas imaginações... Por isto, por aquilo? Nã! Ingratidão, só ingratidão! E olhe que não merecia isso do homem. Ficou-me trancado aqui no coração, para sempre. E olhe que já lá vai uma porradaria de anos... Muito trambolhãozinho deu o mundo, muito desgosto a pouca sorte me trouxe. Mas aquele, sabe, oh!, não sabe... pode lá saber se inda é um menino...

«Bem, eu agora sou um traste velho, um cascabulho... Também se não quer... já com cinquenta e cinco! Mas por aquele tempo, linda como eu, e fresca, um sorriso como o meu não que nem o menino a farejar meio mundo para encontrar igual! Por onde andei, e olhe

que pisei muita terra, era a Zefa a chegar e logo uma bicha de babadinhos que nem à porta de padaria em tempo de racionamento. Gozei muito, sofri muito mais, que este meu coração bateu por muito lambisgóia, mas os meus tempos de nova... ah! menino!... Hoje não. Sou o que vê: um traste velho, um cascabulho. Aqui há uns dez anos inda algum me pegava, inda havia nesta cara e neste corpo uns restinhos da Zefa de outros tempos. Agora não, ninguém pega. E é triste, menino, mais triste do que imagina isto da gente pôr-se a cismar em coisas que não voltam nunca mais. A gente faz força para se esquecer, diz para si: Zefa, isso morreu, morreu tudo, fecha esses olhos e não te ponhas a imaginar. Mas quê? Que adianta? Menino, vossemecê um dia compreenderá. Por agora inda é muito novo; mais lá para diante, quando esta velha chata estiver, como se diz, a fazer tijolo, o menino vai compreender como é triste a gente ver tudo morto, tudo morto. A gente não quer imaginar, faz força para não se lembrar, mas quê? Não adianta nada, nem um nadinha.

GRATIDÃO

«Mas eu sou uma velha trenga que atrapalha tudo. Peço-lhe que não se tome de mal por não lhe contar direito, pois o que eu quero é falar ao menino da partida que o estafermo do hominho me pregou. Não esperava, juro pela Santíssima Trindade que não esperava. E olhe que eu já não era nenhuma menina! Já há um bocado lho queria dizer: ia longe a Zefa dos vinte anos que virou a cabecinha de muito home sabido e de posição. Já não era nenhuma menina, mas a peste estava inda muito longe de mim... Um ou outro que soubesse apreciar... Bem... o menino percebe... Tinha a minha casinha, que não era nenhum palácio, como se está a ver, um quartinho arranjadinho, limpo, e nele recebia um ou outro amigo que me viesse visitar. E olhe que podiam confiar na Zefa. Eu não era nenhuma borboletinha doida como essas meninas que andam agora por aí a dá-lo. Tinha tino. Queriam segredo? Pois tinham segredo. Eram casados? Pois confiassem nela, que não era a Zefa a borrar a vidinha dos sujeitos. E êles vinham, sabe, na noite

combinada, à hora combinada, um por cada noite, que nunca foi de meu costume deixar que a minha cama aquecesse a dois fidalgos apressados. Tinham pressa, era lá com eles. Não tinham pressa, ficavam. E às vezes... Ai, menino, o que os homens são! Sempre houve de tudo,louvadinho seja Deus, mas cá a Zefa teve momentos em que se comoveu. Alguns contavam coisas da sua vida, muito segredinho caiu neste poço que eu sou. Falavam da mulher, até dos filhos, até dos netos. Abriam-me o coração, desabafavam. E eu perguntava para dentro de mim: mas para que tem este fidalgo uma senhora linda como um cravo? Sabe, desinteligências, coisas desta vida. Tive um... Oh... Não lhe conto, desculpe mas não lhe conto. Conto-lhe só, e não é para me gabar, que gente fidalga lá ia, mas eu não vivia apenas dos sujeitos que me visitavam. Tinha também um negóciozinho sério, destes que não ficam mal e servem para disfarçar: assim uma lojinha onde vendia feijão, frutas, bacalhau demolhado, cebolas... O menino está a ver: umas coisinhas para tentear a vida da gente.

Mas disso o menino deve lembrar-se pois não vai assim há um ror de tempo... Olhe, era mesmo à beira do chalé, logo fora de barreiras, mesmo a fazer face com a estrada. Não se lembra? Pense bem: mesmo à face da estrada... Bem. Pronto. Se não se lembra... Hoje mora lá um tipo que é caixeiro, o Oliveira, aquele que tem uma ranchada de filhos pequeninhos, todos pequeninhos, e uma mulher assim esgalgadinha, uma remelada que mete dó a quem a vê; dizem até que o malvado moi a pobre de pancada. Não? Bem, já que não se lembra... Ficava então fora de barreiras e perto do chalé, mesmo em frente do chalé; era só atravessar a estrada; duas passadas e estava-se a bater com a cabeça no grande portão de ferro do palácio. Sim, porque lá palácio é que aquilo era e é — casa enorme, por dentro diz que só visto, um luxo que deixa a gente abanadinha de admiração. Se lhe digo que só criadas eram quatro! Se lhe digo que havia um moço a ganhar um dinheirão só para tratar do jardim e do pomar! Mas olhe que o senhor de tanta luxaria, — esse o menino conhece-o tão bem como

eu, um tal Senhor Moraes — louvadinho seja Nosso Senhor sempre foi um cristão! Não era nem é nenhum desses potes de libra que só se lembram dum pobre para dar pontapé. Louvado seja, era um cristão. Mas eu conto-lhe, menino, é só um instantinho que eu já lá chego ao estafermo que me pagou com a ingratidão. Só um instantinho.

«O tal Senhor Moraes era e é uma pessoa de religião, direito, de poucas falinhas, mas de religião. Todos os sábados, aí pelas onze da manhã (agora isso acabou porque a Polícia não deixa), era só ver a bicha de pobrinhos que não se juntava no portão de ferro do chalé. E olhe o menino, à pobreza que não anda por aí, a tropinha que lá não se juntava! O Senhor Moraes, aos sábados, dava esmola a todo o pobre que aparecesse — e não era pouco o que dava! Todo o pobrinho levava uma panelinha, comprada com o dinheirinho do Senhor Moraes, e recebia a caridade de um caldo e dois tostões. Há muito ano que era aquilo junto ao portão do chalé. Mas veja o menino como há muito maldizente

neste mundo! Então não quer saber que não faltava quem dissesse que o fidalgo fazia aquilo por vaidade, para dar mostras de pessoa de coração?! Uma esmola daquelas! Pessoa de religião é o que eu digo ao menino. Mas vamos ao que lhe ia a contar: os pobres formavam bicha e, com medo de que a sopinha não chegasse para tanta panela, apareciam lá mesmo antes da hora. Aquilo metia dó de ver-se: aleijadinhos, velhos, crianças, até vagabundos de bom corpinho a pedir trabalho. Digo-lhe já: nunca deixei, para que não me estragassem o negócio e o nome, — o menino deve compreender... — que nenhum, aleijadinho ou não, enquanto esperasse pela vez fizesse poiso na minha loja. Na vida às vezes é preciso ser-se assim coração duro. Esperavam na estrada, chovesse ou não. Na minha loja, nunca.

«Pois aqui, menino, por esta luz que nos está alumando a ambos, eu lhe juro que foi mesmo um dia de sol que o tal estafermo escolheu para pôr pé na minha loja. Foi o primeiro e o último, mas esse só, desgraçou-me! Que tinha eu, me-

nino?! Por que deixei abusar aquele cão tihoso?!

«Chamavam-lhe o «Comichões» e nunca foi dos nossos lados; ao que diziam, era de fora. O menino imagine um homem assim sobre o alto, calado, de palavras aferrolhadas, a parecer envergonhado. Nem era feio nem bonito — era as duas coisas talvez. Imagine assim o homem, mas não vá pensar que me pus a gostar dele. Não, menino, eu já não era nem menina nem a Zefa dos vinte anos que tinha virado a cabecinha de muito home sabido e de posição. Nestas coisas, quando a gente deixa que o coração puxe logo para um homem é porque é maluquinha e tem pouca idade. Não era o que se dava comigo, não. Mas sei que o homem me meteu confusão, isso meteu... Parece que estou a vê-lo entrar: nem bom dia nem boa tarde, como se não estivesse em casa de cristão; depois, a mirar tudo assim com uns olhos calmos, calmos como os de um boi velho — a mirar a fruta, o bacalhau demolhado, a remirar esta Zefa e a voltar a remirar. E eu feita burra a mirá-lo

também. Que tinha eu, menino? Diga lá, menino? E eu calada, feita parva — eu a mirá-lo, ele a mirar-me... Não sei bem quanto isso durou; sei que o homem, quando deixou de olhar-me não esteve com mais aquelas: alapou-se na cadeira que eu tinha sempre perto do alguidar do bacalhau demolhado e ali ficou sem mais ligar à Zefa; cravou os olhos de boi velho no portão do chalé e só desalapou quando lhe cheirou a vez para a sopa e os dois tostões. Entretanto, eu fartei-me de o olhar por todo o tempo em que descansou na minha cadeira, e nem por um só instante me chegou a gana de o pôr a bulir dali para fora, como fiz a todos os outros que o tinham tentado. Olhava-o só. Era novo na bicha do senhor Moraes, mas a panelinha lá estava igualzinha às de todos os outros. Isso fez-me pensar que ou bem eu o corria logo dali ou todos os sábados havia freguês para a minha rica cadeirinha. Mas não me chegou a coragem. O homem, mesmo um latagão de um homem, tinha a sua coisa que bulia comigo. O quê? Não sei, nunca soube. Os olhos mansos, de boi velho?

Sei lá! Sei que o estafermo bulia comigo e que enquanto a minha cadeirinha o aguentou não desfitou aqueles olhos do portão do chalé do Senhor Moraes mas passou todo o tempo a coçar-se, numa coçadeira que metia aflição. E eu pensava: «estás bem arranjadinha, Zefa! Pio-lhinhos é do que ele está cheio e vais ficar com a casa a pedir barrela... Corre com ele, Zefa!» Mas é o corres, menino! Quando o coração da gente se põe com pena de alguém, de que vale a cabecinha puxar para outro lado? É o coração que manda. O coraçãozinho era pelo homem, a cabecinha não; mas a cabecinha das mulheres, como o menino sabe, pode pouco, e não toquei o homem para o olho da rua. Que isso me lave de alguns pecados, pois tenho muitos.

«Mas estou a chateá-lo, menino. Se calhar tem pressa e eu estou a chateá-lo...

—Não. Conte, se Zefa. Não tenho pressa nenhuma. Não chateia. Não chateia nada.

«Bem... se não tem pressa... E quanto me vai dar, menino? Uma c'roa ou dez tostõezinhos?

— Os dez tostõezinhos se contar direito.
«Conto direito, descanse que conto direito...
Olhe, é então como ia dizendo ao menino: o homem, quando lhe cheirou a vez, alou em busca dos dois tostões e da sopinha. Só apareceu no outro sábado, mas toda a gente sabe o que é a cabeça das mulheres: entrei a imaginar, a imaginar como uma maluquinha. Perguntei a outros pobri-nhos se o conheciam, mas ninguém o conhecia. «É de fora» — diziam. Chamavam-lhe o «Comi-chões», por não estar um ai sem se coçar, coçar sem parança. E eu a imaginar, a imaginar como uma maluquinha... Veio no outro sábado e foi a mesma fita: mirou a fruta, as cebolas, o bacalhau demolhado, esta Zefa que lhe está a contar... e depois a cadeirinha aguentou com ele. O menino está a ver: eu fervia e não me tive mais; saí-me com uma vozinha que nem parecia a minha:

«— Bom dia, tio...

«E ele, com a mesma calminha que só visto:

«— Bom dia, tia...

«E lá ficou como estava, mudo como tinha entrado, marrado no portão do chalé, coçando-se

que metia aflição. E eu outra vez a pensar: «Zefa, piolhinhos é o que ele tem, tantos piolhinhos que nem contados!»

«Chegou-lhe a vez e lá se foi à cata da sopinha e dos dois tostões do Senhor Morais que bem haja. Mas como o menino já está a advinhar, uma semaninha rodada tinha o homem lá plantado de novo. E é como lhe repito: cabecinha de mulher é ninguém fiar nela: imagina depressa e mal, sempre mal. Então não quer ver a coisa em que me pus a malucar?! Devia era ter vergonha de lhe contar, que não são coisas em que se pense. Mas que quer? Diga lá o que quer? Eu vivia só, não tinha que dar contas a ninguém. Nem os fidalgos que à noite me visitavam — e por esse tempo já não eram muitos — saberiam da maluqueira que se me metera na cabeça. Paciência. Se o não fizesse ia jurar que morria — o homem bulia comigo e o meu coraçãozinho puxava para ele... Comprei então o que me pareceu preciso para uma barrela de respeito. Comprei umas cuecas e uma camisolinha de dentro, destas que não têm mangas e não são caras. Bacia, uma

grande bacia de zinco, tinha-a eu, que era onde então este meu corpinho se lavava. O homem vinha todos os sábados e tive tempo para lhe puxar pela língua. Não disse nunca o nome, nem de onde era, nem quem era. «Sou um pobre» — era só o que dizia. Mas eu, que sei lidar com homens, e disso tenho obrigação, ia-lhe ganhando a confiança. Agora uma palavrinha, logo outra; assim com jeito como as coisas se querem, lá lhe fui dizendo que lhe lavaria os trapinhos. Respondia que não, mas eu tinha que fazer-lhe a caridade. Teimei muito, pois!, teimei mais do que o primeiro namoro que tive, quando era uma menina de quinze anos, para me desencaminhar e me desgraçar.

«Num sábado, de tarde, tal qual se combinou (como me lembro inda hoje, menino! Eu era o demónio, não era mulher!), o homem, coitadinho, arruma-se lá a um canto, quase lhe arranco à força todos os trapos que lhe cobriam o pobre corpo... e zás com eles na grande bacia de zinco onde a água fervia a bom ferver e a creolina cheirava que era um regalo. Roupinha tor-

cida, piolhinhos mortos, lojinha trancada por mordas más línguas deste mundo, venha outra panela de água para o pobrinho lavar. Quase morria de vergonha, o desgraçadinho!, mas era a vez das cuequinhas que eu tinha comprado, que não me tinha enganado, não: o pobre de cristo nem cuecas trazia e nuzinho como a mãe o botou para este vale de lágrimas não era Zefa que ia esfregá-lo! Não, que sendo eu Zefa, mesmo assim seria um pecadão! Se lhe digo que quase as lágrimas me vieram aos olhos, olhe que não lhe minto. O homem era como um menino, eu lavava-o como se estivesse lavando um menino. Nem pensava que era um homem, — para mim, quando o esfregava, era um menino. E quase chorei, juro que quase chorei! Sabe o que era o seu corpo? Era uma chaga viva e um batalhão de piolhos a sugar, a sugar! Já viu piolhos de rabo, menino? Pois eram piolhos de rabo, taludos, vermelhos, inchados do sangue do desgraçadinho! Ah! mas era vê-los cairem na água e estourar, que a creolininha não estava estragada, não! Num ai Jesus a água ficou negra como se

GRATIDÃO

tivesse lavado um mundão de pés de moços de lavoura. E os piolhos à tona, alguns a rabi-
ar, a rabi-
ar como demónios... O corpo era todo ele
uma sujeira, cada crosta de lixo que a água fugia
delas como da gordura, mas eu esfregava, esfre-
gava com alma. Sei lá há quanto ano o pobre
não se lavava? Sei que aquilo não era corpo
de gente. Desculpe, menino, mas um monte de
merda é o que aquilo era; e depois um cheiro!
Sei lá ao que tresandava?... Nunca cheirou um
rato morto, um destes ratões de esgoto que têm
um focinho meio ruço? Mas meteu-me pena,
sabe; o homem nalguns sítios não tinha quase
lixinho nenhum; e nesses sítios era uma carninha
tão branca, tão sem cor e tão molinha que parecia
mesmo a chichinha dum menino. Mesmo assim,
o lixo e os piolhos e aquele cheiro que nem sei
ao que cheirava não foi o que partiu o coraçãozi-
nho desta Zefa — foram as chagas, menino! Inda
as tenho diante destes olhos, inda hoje sinto a
barriguinha dobrar-se em vômitos só de me lem-
brar. Por isso o homem se coçava, coçava sem
parança! Um a um, com paciência para não doer

muito ao hominho, lá fui dando cabo de piolho atrás de piolho — e olhe que tive de ir arrancá-los mesmo ao fundo daquelas feridas onde os meus dedos cabiam: a bicheza, bem agarrada à carniça, por nada queria largar, mas eu fui fazendo o servi-
cinho. Não lhe minto, juro que não lhe minto!

«No sábado seguinte desinfectei todas as feridas, fiz pensos, sei lá. Que tinha eu, menino? Por que tinha metido dedo naquela porcaria? Mas olhe que por um lado não estou arrepen-
dida, pois inda hoje parece que estou a ver o olhar de agradecimento que o homem me botou e a ouvir as poucas palavras que me disse: «Deus lhe agradeça, santinha! É como se estivesse já no céu!»

«Agora diga-me, menino: merecia eu a ingratição do homem?

— Se Zefa, o homem chamou-lhe o que você é: uma santa! A senhora é uma santa!

«Ah... menino... Você inda é muito novo e não sabe o que uma mulher às vezes maluca cá por dentro! Ingrato é o que ele foi. Por causa dele,

os amigos que inda tinha deixaram de me visitar. Souberam da loucura que eu tinha feito. Como o souberam? Sei lá. Ficaram impressionados, sabe, e não quiseram mais pegar-me. De nada me valeu desinfectar toda a casa, todas as roupas, a palha dos colchões. Até os fregueses do bacalhau demolido, das frutas e das cebolas, deram o fora. Ganharam nojo de mim, os cães! Mas foi bem feito, juro que foi muito bem feito! Agora sou o que o menino vê: «uma esmolinha pelo amor de Deus», «uma esmolinha pelas alminhas de quem lá tem», como o menino sabe. Foi bem feito! Mas que lhe parece, menino? Merecia eu a ingratidão do homem? Por que não pôs mais pé nos nossos sítios desde que o lavei? Porquê? Vamos, menino, diga lá porquê?

CONFLITOS

Era alto, magro, pálido, de nariz um pouco adunco, quase tão fininho como uma lâmina, e por detrás dos óculos de aros de ouro luziam-lhe uns olhos vivos, inquietos.

Chamavam-lhe o «quase-doutor» por ter abandonada a Universidade quando ia já no terceiro ano de Direito. Tinha fama de muito inteligente. Conhecía bem o inglês e safava-se no francês. Admirava o superior intelectualismo de Huxley e via no seu «Admirável Mundo Novo» um dos mais extraordinários livros deste século. Muito adorava este «quase-doutor» fazer-se ouvir! Ouvissem-no e teriam nele um amigo. E defeitos, tinha? Tinha, mas para que falar neles? Onde está o infeliz que os não tenha?

Mas engana-se quem se puser já a julgar este «quase-doutor» um cretino de boa farpela. Nada

de juízos apressados; deviam ouvi-lo... Quem dele quisesse fazer um juízo justo — e do «quase-doutor» fizeram muitos juízos injustos — devia dar-se ao prazer de beber-lhe a graça do verbo, a subtileza com que falava de artistas, de preferência artistas abstractos, ou então, admirar-lhe as profundas dissertações sobre o surrealismo poético, devia ouvi-lo discorrer sobre Rilk, Valery, Tzara.

Vestia bem, sempre impecável, e arrelia-va-se se uma mosca ousasse pousar-lhe no fato. Para ele «o genuíno homem distinto deveria sê-lo até na maneira como jogasse fora a ponta do seu cigarro».

Era poeta e, em tempos, numa revista literária, publicou uma poesia que terminava assim:

.

. . . quero-te

mas como um vácuo

um universo vazio . . .

um nada que eu povoarei.

CONFLITOS

E chega, como retrato de tão importante sujeito.

Acabou de limpar os óculos de aros de ouro, consultou o relógio de pulso, enrugou um pouco a testa a fazer cara de mistério, chamou o criado, pagou os cafés, olhou fixamente o amigo e disse:

— Faltam precisamente dez para a meia noite e acho que devemos ir indo...

Mas o amigo pareceu não ouvir; nem sequer fez um gesto para levantar-se; ficou como estava, sentado, olhando distraidamente as chávenas vazias. Qualquer coisa o preocupava, o absorvia.

Este amigo do «quase-doutor» era, de alto a baixo, um tipo diferente: menos fraquinho, mais baixo, senhor duma cabeça grande e sólida, duns olhos muito azuis, todos pureza, que lhe valiam o ar de bicho bom para ser ludibriado por qualquer fedelho. Muito tímido, na conversa atravessava transes desesperados. Nunca, por mais esforços que fizesse, conseguia traduzir aquilo que pensava, pois acabava sempre por

se descontrolar e então comia a cabeça às palavras, gaguejava e corava como uma rapariguita que se vê fitada por um matulão. Porém apesar dos seus modos bruscos e rudes, quase agressivos, apesar de gaguejar, de corar com tanta facilidade, de gesticular deselegantemente, só um imbecil diria que ali estava outro imbecil. Todo o seu mal consistia em estranhar o ambiente confuso e ruidoso do Café e ser bastante ignorante. Nunca na sua vida havia frequentado Cafés assim tão movimentados e onde entrasse gente tão aprumada, boa farpela, peito inchado.

Conhecia o «quase-doutor» de há pouco tempo, uns quatro meses se tanto. Depressa se fizeram amigos. Não houve ninguém que não estranhasse a rapidez com que aquela amizade se enraizou pois o «quase-doutor» nunca fora muito dado a descer da sua polidez, nunca fora dado a muitas confianças. Desta vez porém o homem polido transigiu, e fê-lo porque logo de início pode notar a admiração extrema que o amigo lhe dedicava.

CONFLITOS

Mas o tempo passou e o «quase-doutor», em pânico, foi percebendo que o amigo mudava... A admiração sem reservas ia-se lentamente. Embora penosamente, o da cabeça grande familiarizava-se e ganhava um pouco de confiança. A veneração pasmada ia encolhendo, secando. Deixou de comer tanto as palavras, de ter tanta dificuldade em falar; a brusquidão dos gestos atenuou-se; deixou de corar com tanta intensidade como a rapariguita que se vê fitada pelo matulão. A confiança em si vinha lentamente, lentamente. Uma pontinha de orgulho bulia, crescia, e frases que em tempos ouvira ao amigo e a que não ligara, acordavam agora no seu espírito tomando um carácter novo, revestidas de um outro sentido, depreciativas, irónicas, torturantes; e sofria com isso, magicava nisso e não dormia bem por causa disso. Era sincero! Por que então abusaram dele, da sua ignorância, da sua sinceridade? Com que fim? Com que utilidade? Só pelo prazer de... Oh! E a pontinha de orgulho crescia sempre, sempre, maior cada dia. E deu então consigo a sentir uma torturante ne-

cessidade de não concordar sempre com o que o outro dizia. Era como se algo de muito querido estivesse a pique de perder-se se não fizesse sentir ao outro que também tinha coisas para dizer. Mas ia calando—e sofria; só quando o «quase-doutor», talvez por distracção, se desviava da polidez habitual e tratava assuntos mais acessíveis, numa linguagem mais transigente, ele se enchia de coragem e lograva uma pequenina objecção que o outro, sorrindo, acatava como se dissesse: «vá lá, por esta vez...» Mas estas quebras de polidez eram desleixos raros no «quase-doutor»; o frequente, era o desgraçado sentir-se afogar naquele mar de erudição, no «donjuanismo», no Freud, no Rilke, no Huxley, nas correntes abstractas e por aí adiante... No entanto, o da cabeça grande sentia-se a todo o momento mais, cada vez mais envergonhado por tanto ter-se aninhado junto do «quase-doutor». Sentia-se ferido, revoltado consigo mesmo, fervendo lá por dentro. Que o homem era realmente um intelectual, um espírito superior, ninguém o negava, mas... «mas por que não me deixa ele falar?»

CONFLITOS

E o da cabeça grande começou a julgar-se vítima de um dos muitos «complexos freudianos» de que tanto falava o «quase-doutor». Que misterioso «ego censor» era aquele que sempre teimava em apoderar-se dele e não o deixava declarar o que sentia, abertamente, como um homem?!

À noite, sòzinho na cama, entrava fundo na madrugada sem que o sono quisesse nada com ele. Sofria tanto, que por vezes chegava mesmo a não poder evitar que uma ou outra lágrima lhe viesse aos olhos. E a cabeça esquentava-se-lhe de tanto magicar, de remoer, de jurar vinte vezes a si mesmo que não mais se acovardaria, que de futuro não mais se calaria, não mais concordaria quando a sua vontade fosse discordar, mesmo que se falasse lá daqueles assuntos do Rilke e do tal Huxley, do Freud e dos «três egos». À sua cabeceira, um pequeno despertador alar-mava-o. A noite escoava-se... Ah! dali para o futuro, nem que outro se zangasse, havia de conduzir-se como um homem desempenado, sem misteriosos complexos, que diz o que tem no

coração, que não se aninha com a facilidade que muita gente julga! Desse por onde desse, voltava a jurar. «Não. Nunca mais! Eu também leio uns livrecos... O caco fica-me tonto, mas compreendo.» E adormecia pensando que nunca mais deixaria de defender o que julgasse justo, mal talvez, sem palavras tão sonoras como as do «quase-doutor», sem o seu gesticular eloquente, sem a sua «facilidade inata dum *gentleman*», mas à sua maneira, que cada um faz o que pode, à sua maneira rude, atabalhoada, mas à sua maneira. Todas as noites repisava nestes pensamentos e de novo se sentia um miserável, de novo entrava na madrugada sem que o sono viesse, batalhando, buscando razões que o tranquilizassem, atenuantes para a sua ignorância. Mas tudo era baldado, tudo falhava uma vez na presença do «quase-doutor»; não podendo suportar a sua expressão ora irónica, ora condescendente, arriscava uma meia dúzia de palavras e lá se ia tudo, tudo em que tão penosamente havia matutado. Numa confusão de pânico, como se no seu cérebro um toque a

CONFLITOS

rebate lhe espantasse as ideias e lhes quebrasse o já frágil fiozinho que as ligava, tudo se misturava, amalgamava e se perdia. Não, por mais esforços que fizesse, por mais juras que fizesse tudo seria em vão, tudo se esmagaria ante a verbosidade ou a calma segura e matemática com que o amigo falava; perderia sempre, afogar-se-ia sempre no mar de erudição que o outro era; sempre que o outro quisesse o esmagaria, o reduziria a nada. Lia uns livrecos sim, lia uns livrecos mas que resistência podia ele oferecer ante aquela tropa de literatos e artistas estrangeiros, ante as citações em francês e inglês? Sim, que podia ele fazer, ele que não percebia patavina lá dessas línguas? Oh, como nesses momentos ficava a odiá-lo, a sentir ganas de lhe esborrachar o nariz fininho como uma lâmina, de ficar-se depois a derreter de gozo se o sangue lhe espirrasse e fosse borri-far os colarinhos irritantes, brunidinhos, tesinhos, sem a mais ligeira ruga! Como ficava a odiá-lo! Oh, se pudesse ao menos gozar a impotência física do «quase-doutor», como isso lhe faria bem!

Se lhe batesse, ah, se lhe batesse... nem que fosse um murro só, um só! Ficaria mais aliviado, de certeza que ficaria aliviado, não ficaria com toda aquela coisa a amontoar-se-lhe lá dentro, a roê-lo e a doer-lhe lá por dentro, como se fosse um rato, roc! roc! roc!, como se fosse um rato...»

Era mais forte, muito mais forte, o outro não passava dum fininho, dum fraquezas. Mas, então... então por que não lhe batia? «Um merdas, um maricas que receia esmoucar o nariz a um franganote daqueles! Um pulha, um merdas! Se ao menos... oh, que bom! se ao menos eu também soubesse lá do tal Huxley, lá do Freud, de inglês...»

— São horas... É certo que ela se encontra já à nossa espera. Não convém demorarmos. As mulheres são como a psique duma criança... — dizia o «quase doutor» olhando o relógio.

O rádio do Café transmitia o relato duma final de Óquei. A ansiedade pintava-se em quase todas as latas da clientela.

CONFLITOS

Deixaram o Café e foram caminhando devagar. Chovia miudinho; quase não molhava. E o da cabeça grande continuava calado. Aquilo minava-o lá por dentro, deixava-o sem vontade, mole. No fundo tinha medo, era medo de certeza; no entanto talvez não houvesse razão para sentir-se assim tão abatido; aquilo toda a gente fazia, era como se uma necessidade de todos os dias, e, bem vistas as coisas, ele não era assim muito inexperiente em assuntos de mulheres; lá que não era nenhum leigo não ia negá-lo. Mas porque insistia então aquele caso em apresentar-se-lhe tão complicado? Bolas, em que era aquilo diferente? A que vinha aquele medo? Palavras! Tudo lérias, lérias e medo, medo de certeza; o resto garganta!

Quando o amigo Ihe veio com a proposta, soprada muito em segredo, não reflectiu, julgou-se com peneiras, e logo concordou, só pensou nos vinte escudos que ia largar por se deitar com a mulher: vinte paus a mais, vinte paus a menos... uma boa lasca... pronto, não chegaria nunca a rico! E só agora via que este caso era dife-

rente, apesar de tentar negá-lo. É que esta fazia a coisa muito em segredo, como se fosse mulher casada que a necessidade levasse a enfeitar o marido, ao contrário de todos os outros trastes que lhe tinham vendido a experiência. Essas faziam-no em casa própria, tudo legal; e assim era muito fácil. Mas agora o negócio era outro, com as da «vida» ele dormia, pagava, e nada de lhe aparecerem aqueles medos misteriosos a percorrer-lhe o corpo de alto a baixo, como se fosse uma estrada.

Tentava repelir, negar a novidade da aventura, mas o medo persistia, avolumava-se.

— Ela... ela estará pelos ajustes? Logo os dois duma vez... Ela... — disse, como quem se prepara para fugir.

— Claro que está. Os cobres são o que lhe interessa...

— É que... sabes... eu cá gosto de franqueza. Se calhar não lhe disseste que levavas outro... e foi só para ti que trataste a coisa...

Mas o «quase-doutor» percebeu-lhe a franqueza e irritou-se.

CONFLITOS

— Olha lá, menino: já te disse que é caso arrumado! Não te faças de anjinho, que isto é para homens, e tesos. O que a tipa quer é segredo e mais nada, a não ser a massa.

— Eu sei...

— Vá lá... estou a ver... Que temos mais?...

— Nada... era cá uma coisa... A rapariga vive só com a mãe? Disseste-me que a rapariga vivia só com a mãe...

— Isso. Vive só com a mãe...

O da cabeça grande falava olhando o chão e o outro ía-o mirando de soslaio, como quem espera coisa.

— ...mas a velha, a estas horas, deve dormir. A miúda melhor do que nós sabe o que mais lhe convém; se marcou esta hora, lá tem as suas razões...

— Não sei o que parece...

— Que parece?! Achas que pode espantar alguém?! A mãe dorme e a filha atende dois tipos fixos, dois tipos em quem se pode confiar...

Que tem isso de extraordinário? Segredo e massa é o que a tipa quer.

— Eu sei... eu sei... É miserável!

— O quê?

— Tudo!

— Além disso a velha não acorda, não pode acordar...

— Percebo.

— Claro, não pode acordar...

A chuva persistia miudinha, morrinhenta. Ninguém naquela rua estreita como uma brecha, onde os beirais dos telhados, lá no alto, quase se tocavam. Só um «careca» a iluminava lá ao fundo. Medrosos, os dois procuravam certificar-se de que nem um gato faminto andava por ali.

Falou o «quase doutor», aparentando uma segurança que não tinha.

— Não entramos juntos. Ficas um bocado. Eu vou indo para ver o ambiente. Percebes?

— Isso. Eu sei...

—E agora vai-me lá para dentro com coisinhas . . .

—Eu sei . . .

O da cabeça grande encostou-se mais à esquina e ficou a ver o outro ir em passadas rápidas, bem coladinho às paredes húmidas das casas.

«Com coisinhas . . . O estupor! O velhacol!»

Mas depressa se arrependeu de ter ficado ali encostado vendo o outro ir; começava a meter-lhe confusão o ter que dar sòzinho aquela meia dúzia de passos; só aquele bocadinho de iniciativa própria punha-o em sobressalto. «Ainda não é da vida, coisa muito em segredo! E se o vissem entrar? Não, raio! ninguém vê . . . já era azar! Nos mirones . . . coisinhas.» Em vão, baldadas todas as tentativas de se tranquilizar; lá lhe vinha de novo aquele sentimento esquisito que o punha como que com um quente torpor por todo o corpo, tonto. Inesperadamente, num atropelo, acordavam-lhe no espírito recordações disparatadas, sem nenhuma ligação com o momento que vivia; coisas distantes, dos tempos em que a mãe o banhava todos os sába-

dos numa pequena banheira de zinco e lhe fazia cócegas nos pés e nas partes, deixando-o já com uma pontinha de vergonha; reminiscências dos tempos em que o pai lhe batia com uma correia e o forçava a refugiar-se na casa de algum vizinho, esperando a noite, esperando que a mãe o viesse procurar e lhe jurasse que os nervos do pai tinham acalmado, que já não lhe bateria mais.

O amigo sumira-se. Entrara e fizera-o sem que ele visse, ali com a porta na frente do nariz. «Nos mirones, sim senhor, nos mirones e olhos bem abertos... A porta ali a dois passos! Grande parvo!»

Tinha que ir, era a sua vez de ir. Só uns passos. Muito fácil arriscar um passo, arriscam-se milhões de passos e nada parece mais fácil, nem entra a cabeça nisso. Mas há passos de passos, há os difíceis, os decisivos — aquele era um deles, decerto que era um deles. Ia dá-lo, apesar de tudo. Coisa difícil, dar um passo! Mas chegou-lhe aos ouvidos atentos o ruído de um carro, e escondeu-se ainda mais, bem cosidinho à parede

húmida, que lhe molhava o fato. Insensíveis, só a noite, o «careca» lá do fundo e, mesmo por cima da sua cabeça, um pequeno azulejo intitulado de avenida aquela ruela que mais parecia uma brecha. O ruído do carro aproximava-se. Rodar, coisa fácil, sem o esforço dos passos, dos tais passos difíceis. «Raio! vai passar por aqui... Bonito... Entras passado um bocado... Diabo... digo-lhe que foi um carro, um carro que parou, que tive de esperar...»

Mais umas olhadelas, umas derradeiras olhadelas, um último esforço na esperança de descobrir no silêncio e no sossego da ruela alguma razão perdida a que pudesse agarrar-se. Mas nada, nem um gato faminto, nem uma janela onde uma luz surgisse, nem outro carro a enganá-lo, nem mais recordações do tempo em que o pai lhe batia com a correia e lhe deixava o corpo pisado; nada, só a luz sonolenta do «careca» lá do fundo, a chuva morrinhenta caindo sossegadamente e alagando a ruela. Tudo indiferença, só ele alerta, debatendo-se, aqueles calores esquisitos deixando-o tonto, tonto...

Desculpa boa a do automóvel... Oh, um automóvel! Nada de passos difíceis. Vidros corridos, agasalho, modorra, o frio e a chuva para os outros, para os que se cosem a uma parede molhada. O automóvel... Rodar, nada de esforços, substituir os passos... Coisa boa! Grande, grandessíssimo cretino, para que se tinha metido ele naquilo? Para quê? Julgara-se capaz e não era capaz. Bazófia, garganta, peneiras! A verdade estava ali agora a entrar-lhe pelos olhos: um imbecil! Ser-lhe-ia muitíssimo mais simples procurar numa casa própria, como sempre tinha feito e onde todo o mundo entra, onde apenas se faz um sinal e pronto: a mulher se enrosca logo num homem; isso sim, era muito mais simples, o mesmo sem esforço do automóvel a rodar, o mesmo que não ter de arriscar os tais passos difíceis, não ter que passar por aqueles calores esquisitos que o corriam de alto a baixo como se ele fosse uma estrada. Uma aventura daquelas estava boa para o amigo, um tipo sabido, conhecedor do mulherio, um tipo que até, em tempos, quando estudante do quinto ano, enchera

CONFLITOS

o fole a uma criadita lá de casa, uma tal Rosalinda. Para ele, não se podia negá-lo, o caso era bem outro, mais complicado, porque toda a sua experiência a ganhara com as tais da «vida», com as tipas do mundo, legalizadas naquela coisa de «dar-o-ponto», proprietárias de cédula e esquentamentos. Aquele caso não era para si, aquilo era uma aventura de fita, não era como ir às tais da «vida».

Mas tinha que ir, diabo! quantos minutos já se lá iam... Bolas, era o mesmo, não havia mal. Não, a do automóvel não... Diria antes que foi um tipo que parou e lhe pediu lume, que se pôs no paleio e tal..., que teve de demorar-se para que o homem não desconfiasse. Era uma desculpa em que podia acreditar-se. Chegar um tipo e... Era, servia para justificar a demora. Ia. Mil vezes pior seria a vergonha de desistir, de ter depois que aguentar lá pelo Café os comentários e risinhos irónicos daquela tropa. Não, os risinhos não! Seria pior, muito pior do que a correia que dantes lhe deixava o corpo pisado.

Deixou a esquina e, em quatro passadas rápidas, nervosas, surgiu colado à porta. Não teve que bater; a porta, quase escancarada, convidava-o a entrar. Entrou. A casa estava completamente às escuras. Deu dois passos hesitantes e parou satisfeito por poder ficar ali sozinho no escuro. Sentia-se aliviado, quase vitorioso. Suava, a gravata apertada incomodava-o. Mas nem tempo lhe deram para desapertar a gravata que o incomodava. Alguém se encostava a ele e levava um braço a fechar a porta. Um perfume barato mas agradável ficou no ar, intenso. Era ela.

— Estás molhado, filho. Demoraste tanto...

Nada, não respondeu nada.

— ... anda sem barulho. Dá cá a mão... Cuidado, há aí a mesa... Aí, fica aí.

A rapariga deixou-o e ele ficou quieto e teso como um esteio. Não conseguia ver nada. Dela só o perfume barato que persistia.

Um momento depois era a voz do amigo, mesmo ao seu lado.

— Então...

CONFLITOS

— Ah, és tu... (esqueceu-se da desculpa)
como é isto? Onde está a velha?

— Caluda. Aí ao lado.

— Caluda quê?!

— Caluda.

Sentia vontade de barafustar, de armar em valente, mas dominou-se.

A rapariga ligou uma luz fraca, e só então pôde ver que estavam mesmo a dois passos da cama da velha. Ouviam-lhe o respirar incerto, doente. Depois de certificar-se de que a mãe dormia, a rapariga voltou-se para eles. Era nova, aí uns vinte anos, magra, seios pequenos, olhos pisados. Talvez nem tivesse até os vinte anos.

— Quem é este? — perguntou ao «quase-doutor», mas sem desviar os olhos do da cabeça grande, que permanecia quieto e teso.

— É tipo fixe. Não há azar.

— Veja lá...

A rapariga não temia nenhum deles, falava por falar, para não fitar em silêncio o da cabeça grande, pois notara-lhe a perturbação e a hostilidade.

— O primeiro? — fez a rapariga, quase num convite ao da cabeça grande.

— Eu — disse rápido o «quase-doutor. — Ele espera.»

Mas ela teimava em não desviar os olhos do da cabeça grande, e este, só por isso, perdia o aprumo de esteio, sobressaltava-se. «Uma tipa séria», repetia mentalmente, à semelhança daqueles rapazitos que têm medo de esquecer o recado. «Uma tipa séria.»

— Bem, é você então?

— Pois... Ele espera — tornou o «quase-doutor».

De novo a rapariga, para o da cabeça grande:

— Então é ele?...

— É...

— Bem... Olha... se quiseses senta-te ali na beira da cama...

Com um ligeiro gesto indicou a cama da mãe.

— ... se ela acordar julgará que és o homem que vem dar as injeções...

CONFLITOS

E o da cabeça grande recuperou a rigidez de esteio.

O outro quarto ficava pegado e ambos em tempos deviam ter sido um só compartimento, pois apenas um ligeiro tabique os separava. Uma lâmpada fraca, colocada num orifício em quadrado, iluminava-os simultâneamente.

— Vamos — rematou a rapariga, dando o braço ao «quase-doutor».

E desapareceram no quarto.

Tudo se passou rápido de mais, diferente do que ele esperava. Contava com complicações, perguntas, respostas, coisas. Mas não, tudo fácil e rápido como se fosse uma banalidade, como se tudo se passasse nas tais casas próprias onde as da «vida» se enroscam num homem logo que ele dá um sinal. Um relâmpago. Olhar para a rapariga, reparar-lhe nos olhos pisados, no cabelo em desalinho e no vestido claro, de pintas azuis, no decote um pouco largo, e pronto... nem mais nada. Tudo rápido, tudo diferente daquilo em que magicara lá fora. Afinal saíra-se bem. O medo que sentira antes de entrar, aqueles

calores esquisitos, tudo aquilo que o roera, todas as preocupações que mastigara e que quase o levaram a desistir, iam arrefecendo lentamente. Sim, saíra-se bem. E a rapariga era bem bonita...

Do outro quarto chegavam distintamente até ele as palavras que a rapariga e o amigo cochichavam; palavras abafadas, bem sugestivas da coisa, bem mais sugestivas que um risinho curto, uma carícia mal fingida.

Ele porém não prestava atenção ao que vinha lá de dentro; parecia alheio, como se nada tivesse com aquilo, como se aquilo fosse só com eles e ele estivesse à parte. Mas a rapariga precisou de vir ao quarto da mãe; procurava qualquer trapo e dirigiu-se a um baú de zinco, aberto no chão. Já vinha sem vestido e quando se inclinou, de costas para ele, mostrou-lhe as pernas nuas até cima. E nem o olhou, fê-lo como se não estivesse ninguém a mirar-lhe as pernas nuas; mas antes de desaparecer de novo detrás do tabique, disse-lhe: «Não te chateies, filho... É só um instante.» E ele viu as pernas magras, bem

CONFLITOS

feitas, e pensou: «Exactamente como as que conheço, nem parece uma tipa séria! Se ela acordar toma-te pelo homem das injeções... A puta, o estupor!»

Avançou um passo, para sentar-se na beira da cama, mas recuou.

A velha, doente, ora respirava opressamente, ora caía numa calma silenciosa, mas não acordava. O seu cabelo, já branco e sem brilho, era como que feito de fiozinhos de cordel barato. O rosto era uma magreza, amarelo sujo, e nele brotavam, cresciam e morriam pequenas bolhazinhas de suor que escorriam para o pescoço e iam ensopando o travesseiro. «Oh, não! não!» E o da cabeça grande recordava as palavras do amigo: «Ela não acorda... Não pode acordar...»

Desviou os olhos, sem poder suportar mais o rosto da mulher.

Não era novo o sentimento que agora crescia em si; recordava-se de que sempre aquilo lhe vinha nos tempos de rapaz, quando o pai lhe chegava com a correia e ele lhe fugia para casa

de algum vizinho. Era uma sensação de vazio que acordava nele nos momentos difíceis e depressa o dominava, que o deixava como que quebrado, abatido, não amando ninguém, não odiando ninguém. Mas conhecia também o que sempre resultava desses abatimentos, e por isso temia-os.

Ficou com a certeza de que a velha não acordava e arriscou alguns passos no quarto. Os seus olhos azuis caíam em tudo que o rodeava, mas faziam-no como que mecânicamente, sem que o cérebro a uma só interrogação se permitisse, gravando porém tudo indelêvelmente, para sempre, como nunca pôde fazê-lo através dum esforço consciente de memória. Mas tinham pouco que ver, os seus olhos azuis; depressa esbarravam no tabique e na porta da rua. Nem cozinha, nem sala, nem nada. Talvez que para lá do tabique uma saída levasse a outro aposento; talvez uma cozinha, a sala... (a casa vista de fora era tamanha!); talvez que lá para as traseiras houvesse um quintalzinho com couves ou batatas plantadas; talvez até flores, cravos, rosas; tal-

CONFLITOS

vez, quem sabe... Mas à sua volta era só aquilo: os quartos que o tabique separava; só isso e a um dos cantos um armário antigo; noutro canto aquela mesa de pintura a parecer verniz, onde a rapariga temeu que ele se esbarrasse; no chão, quase junto da cama onde a velha dormia, o grande baú de zinco em que a rapariga procurou o trapo e lhe mostrou descaradamente as pernas nuas; sobre a mesa, uma bacia de esmalte já muito estalado, meia de água azulada, a cheirar a um remédio conhecido; pendurados no tabique, um pequeno espelho quebrado num dos cantos e um objecto que parecia um irrigador; à cabeceira da velha, uma estampa lambidinha do «Coração de Jesus»; um pouco ao lado, num retratinho desbotado, uma menina irradiando felicidade, vestida de branco, com simplicidade, um laçarote a prender-lhe os cabelos muito pretos; nas casas de gente humilde vê-se quase sempre um retrato igual, em que até costumam escrever: «Recordação da primeira comunhão. Lembrança da mãe muito querida»; espalhadas pelo chão, uma meia dúzia de pontas de

cigarro, talvez as pontas de cigarro do homem das injeções.

O da cabeça grande viu tudo com aquele olhar parado e triste. Olhou a porta da rua, mas não saiu. Pensou em sair sem barulho, sem esperar por mais nada, pois agora já não o preocupava o que dele pudessem dizer lá pelo Café; mas uma pontinha de interesse pelo que vinha do outro quarto começava a prendê-lo; uma pontinha de interesse que ia crescendo, crescendo sempre. A sensação de vazio que acordava nele nos momentos difíceis, ia-se lentamente, como viera. «Como o tipo demora!»

Lá fora, o mesmo sossego sonolento do «careca» da esquina, a mesma chuvinha morrinhenta. O tempo passava e o da cabeça grande começava a impacientar-se, os olhos azuis caíam de novo em todos os trastes e iam depois esbarrar no tabique. Arriscou, em volta da mesa de pinho, meia dúzia de passos nervosos, até que estacou de súbito. E a boca entreabriu-se-lhe como se tivesse apanhado um soco no estômago, mas quando olhou para a velha ela já

CONFLITOS

não tinha os olhos abertos, parecia mesmo até mais calma — de visivelmente diferente apenas um braço nu e estendido ao longo do corpo, um braço que ele sabia ter estado até ali coberto, bem coberto. «Não, não há azar. O homem das injeções...» Mas dali até sair não mais se apaziguou.

O que vinha do outro quarto interessava-o agora vivamente. E ele podia ouvi-los, apesar de falarem muito baixo.

— Descansa. É feitio... Há tipos de feitio assim.

Calaram-se e, por momentos, ouviu-se apenas o rasgar de pano que era o respirar da velha; mas os cochichos do outro lado do tabique não demoraram; um deles não queria ser ouvido.

— Não, não... isso não faço! Escusas de teimar.

— Ouve... pede... dou-te o que pedires...

— Escusas de teimar. Não faço disso!

— Pede... pede lá...

E de novo o silêncio e o respirar da velha.

O da cabeça grande ouviu e pensou que já nada por mais tempo o prendia ali. Que lhe importava a risota lá no Café? Já não temia nada. Ia para a porta mas sentiu que pisava qualquer coisa. Inclinou-se, pegou numa caixita vazia, amarrotada, e leu pausadamente, soletrando, como se não compreendesse: «Es-tre-pto-mi-ci-na». Depois jogou a caixita para junto das pontas de cigarro que o homem das injeções ali deixara. Mas como se o envólucro calcado tivesse valido como um pedido, procurou no bolso a nota que teria dado à rapariga se lhe tivesse gozado as pernas magras. Restavam-lhe só mais uns cobs. Era um tesó. Foi até à bacia do remédio azulado, levantou-a um pouco e deixou ali a nota escondida. «Que diabo de droga será isto?». Olhou mais uma vez para o retrato da menina pálida e laçarote no cabelo preto. «Que se quilhem! Dou cabo deles à bofetada!» Não temia nada, nada. E saiu.

Vinha meio tonto, a morrinha e o frio da noite faziam-lhe bem. Encostou-se de novo à

CONFLITOS

esquina, mas agora ansiando que nem o gato faminto surgisse por ali. Não se lhe dava que o outro demorasse — esperaria. E agora nenhum impecilho, nenhum sentimento estúpido o embaraçava; nenhuma dúvida. O pai e a correia ficavam longe, esquecidos e remotos como as frases em inglês, como o Rilke, o Huxley, o Freud, as sonoras palavras do outro; mas presentes, nitidamente presentes em si, a avolumarem-se, tinha aqueles colarinhos tesinhos e irritantes que o «quase-doutor» usava sempre impecáveis, os colarinhos que tanta vez ansiou ver amarrotados, borrifados de sangue.

Não esperou muito, pois ainda não tinha ardido o cigarro que acendera ao chegar à esquina e já ouvia os passos do outro. E nem meteu palavras; tudo foi muito rápido e o outro vinha ainda a gozar as pernas magras da rapariga. Logo ao primeiro murro, pesado e bem no centro da cara, o «quase-doutor» cambaleou e acabou por estatelar-se ridículamente. Só quando levou uma das mãos ao nariz e viu que sangrava, olhou atónito para o outro que crescia pavorosamente,

e desatou então a berrar como se estivessem a matá-lo.

Veio gente e o da cabeça grande ainda batia e o «quase-doutor» berrava, berrava — e o que batia fazia-o raivosamente, como se estivesse vingando todas as vítimas da crueldade de muita gente.

ÍNDICE

	Págs.
História de Fino — O « Rato Seco »	9
O Paliteiro	33
A Caminhada	51
O Sino	65
Tone Tolo	75
O Café	87
Gratidão	101
Conflitos	121

Este livro foi composto e impresso
nas oficinas gráficas da Companhia
Editora do Minho — Barcelos.

ERRATA

na página 24, onde se lê *hereje*, leia-se *berege*;
idem na pág. 28;
na página 74, onde se lê *engulir*, leia-se *engolir*.

Nos demais deslizes ou gralhas com que o leitor possa depa-
rar, pede-se o favor de passar adiante.

EDIÇÃO DO AUTOR

biblioteca
municipal
barcelos



27051

Conflitos e outros contos